

### 3 Cenários da esperança

O capítulo anterior de nossa pesquisa teve o objetivo de acenar para a importância dos jovens na vida da Igreja e, de maneira mais ampla, pensamos também para a vida do cristianismo e de toda a humanidade. Sabemos que o assunto não fora esgotado, até porque existem muitos outros documentos que nos mostram as facetas desse relacionamento e, especificamente a esperança que a Igreja deposita e encontra nas novas gerações. Dedicamos nossa atenção às manifestações provenientes do Concílio Vaticano II e das quatro conferências episcopais latino-americanas que vieram depois dele, bem como fazendo um apanhado da temática nas palavras do Papa Francisco por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro no ano de 2013. Concluímos nos questionando acerca de um *lócus* de esperança que necessita ser alimentado por uma esperança capaz de dar sentido pleno a todas as outras, ou seja, ser alimentado pela esperança cristã, capaz de esperar contra toda esperança.

Agora, especificamente queremos pensar a respeito desse *lócus* de esperança que é o jovem. Não podemos simplesmente afirmar que os jovens são a esperança da Igreja, ou que são para nós um lugar teológico, se não os conhecemos, se ignoramos o chão em que pisam, se desconhecemos seus sofrimentos, seus sonhos, suas realidades existenciais, seus medos e inseguranças, enfim, se não nos abrimos para acolhê-los em suas vidas reais. Por isso, propomos que esse capítulo de nossa pesquisa se volte para as realidades de nossos jovens, a fim de que possamos conhecê-los, amá-los e assumi-los em todas as suas dimensões como esperança, presente e futuro da Igreja.

Sabemos que não podemos alargar os horizontes da pesquisa no que diz respeito aos cenários juvenis, pois o termo refere-se a uma variedade de realidades. Assim, neste capítulo delimitaremos o espaço de nossa descrição, deixando aberta a possibilidade de continuarmos aprofundando o tema. Queremos responder ao questionamento: Quem são aqueles (ou parte daqueles) nos quais a Igreja deposita sua esperança? De onde vêm, em que chão pisam? Como se relacionam com a Igreja que deposita neles sua esperança?

Iniciaremos trabalhando a definição do termo “juventudes” com base nas ciências sociais. Queremos refletir um pouco acerca de como são vistos os jovens e como são definidos em nossos tempos. Tais conceitos abarcam a todos independente do foco da pesquisa, pois vêm apresentar sua multiplicidade, que podemos dizer de antemão, proveniente da diversidade que é própria da humanidade e que não fecha a possibilidade de unidade<sup>1</sup>. Prosseguiremos apresentando as realidades juvenis a partir de estudos realizados com base nos dados do Censo IBGE 2010, com o objetivo de podermos falar de realidades bem palpáveis, que demonstram em números por “onde andam” aqueles depositários da esperança cristã.

Para finalizar adentraremos no meio religioso, buscando ver onde eles se encontram em nossa Igreja, como se apresentam e como permanecem (se permanecem). Nesse momento buscaremos apoio nas pesquisas de João Batista Libanio, que de maneira maestral inseriu-se nas realidades juvenis e que por ter pisado no chão de muitos deles pode falar-nos com propriedade do tema. A esperança cristã é salvífica, é o caminhar da humanidade para Deus, o Deus que primeiramente vem e que continua vindo, por isso a humanidade pode buscá-lo. Com o intuito de encontrar Cristo nas novas gerações propomos esse caminho de conhecimento, pois:

A fé cristã [...] ao ser apresentada deve levar em conta este ser humano concreto, com suas limitações e carências, para que esta oferta de sentido e de vida possa realmente lhe ser significativa, pertinente, esperançosa. Naturalmente isto não significa rebaixar a mensagem cristã ao nível das necessidades humanas [...], mas, na fidelidade a sua verdade, apresentá-la como atual e digna de credibilidade em nossos dias. Mas como realizar tal missão salvífica desconhecendo nossos contemporâneos<sup>2</sup>?

Segundo M. F. Miranda, parece que a Igreja ainda não conhece o seu “auditório”. Não queremos correr o risco de falar dos portadores da esperança cristã sem ao menos deixar vir à tona algumas de suas características, de suas realidades, das cruzes que carregam.

Na sequência buscaremos oportunizar esse contato com as novas gerações em nosso país, em especial as mais atingidas em sua dignidade.

---

<sup>1</sup> Ver: GARCÍA, A. R., *Unidade na pluralidade*, São Paulo, Paulinas, 1989.

<sup>2</sup> MIRANDA, M. F., *Em vista da nova evangelização*, p. 23.

### 3.1. Jovens, Juventudes, diversidade e protagonismo

Introduzimos nossa reflexão, apontando para a afirmação de João Paulo II dirigida aos jovens por ocasião do ano internacional da juventude lançado pela Organização das Nações Unidas em 1985: “[...] vós sois a juventude das nações e das sociedades, a juventude de cada família e de toda a humanidade; vós sois também a juventude da Igreja. Em vós está a esperança, porque vós pertenceis ao futuro, como o futuro pertence a vós”<sup>3</sup>.

Estamos diante de uma afirmação eclesial dirigida aos jovens de todas as nações. Não se trata apenas de uma parcela da juventude, mas de toda a juventude que compõe a humanidade. Neles está à esperança da Igreja e do mundo, e são convidados a darem razão da própria esperança: “[...] o primeiro e principal desejo que a Igreja traz a vós jovens, por minha boca, neste ano dedicado à juventude é: estejais sempre prontos a responder a qualquer um que vos perguntar a razão da esperança que está em vós”<sup>4</sup>. Assim, João Paulo II, nos abre a possibilidade de pensar nos jovens como uma realidade diversa, inseridos em uma conceituação plural, atualmente definida como “juventudes”, e não apenas como uma única juventude a qual a Igreja estaria se dirigindo. De acordo com J. C. Ribeiro, “acolher a juventude é um desafio gigante para as religiões. Deve ser levada em conta a “juventude humana” e não apenas aquela que ‘frequenta o meu redil”<sup>5</sup>. É isso que compreendemos com as afirmações eclesiais, o interesse por todos os jovens, sejam eles católicos ou não. Mas, como esses são definidos pela sociedade, de que parcela da humanidade estamos falando? Quem é o “jovem” no qual a Igreja deposita sua esperança? O que evocamos ao utilizar o termo “juventude(s)”? É com o intuito de responder a esses questionamentos que prosseguimos.

#### 3.1.1. Jovens e juventudes na história do Brasil: resistência e esperança

Iniciamos fazendo memória da história dessa categoria em nosso país. De acordo com os estudos realizados por C. Cassab, “só é possível pensar juventude e

<sup>3</sup> JOÃO PAULO II, *Carta apostólica aos jovens e as jovens do mundo por ocasião do ano internacional da juventude*, 31 de março de 1985, n. 1. Tradução nossa.

<sup>4</sup> *Ibid.*, loc. cit. Tradução nossa.

<sup>5</sup> RIBEIRO, J. C., *Juventude desafio e enigma*, p. 38.

jovem como categorias específicas e particulares, no Brasil, com maior força, a partir do século XIX”<sup>6</sup>. No período anterior essas categorias basicamente não existiam, da infância o indivíduo logo era reconhecido como adulto. O interesse social era de filhos que pudessem, como os adultos, assumir sua herança e trabalhar para continuar enriquecendo a família<sup>7</sup>. Foram as mudanças promovidas por uma lógica médica e higienista que alteraram a relação no seio familiar, difundindo a ideia de que a família patriarcal colonial, baseada no autoritarismo do pai e na violência era prejudicial ao desenvolvimento dos filhos<sup>8</sup>. O jovem começou a ser visto como um sujeito que se diferencia da criança e do adulto. Surge a concepção de juventude como um momento distinto da infância e da fase adulta. Aqui a juventude passa a ser vista como um problema, e a escola como o lugar adequado para disciplinar esse sujeito. O jovem pobre era educado profissionalmente para tornar-se adulto e disciplinado. Segundo J. F. Costa:

[...] os ricos aprendiam a ler, escrever e contar em casa, sob a direção da mãe (quando esta não era analfabeta), de algum caixeiro mais instruído, de um mestre-escola ou de um padre. Ultrapassado esse nível, ingressavam nos colégios religiosos, onde seguiam a carreira eclesiástica, ou de onde saíam para completar a formação universitária na Europa<sup>9</sup>.

Nesse momento, já é visível a diferenciação de classe na definição de juventude. A juventude para os pobres era encurtada devido à necessidade do trabalho, enquanto que para o jovem rico essa se estendia por mais tempo.

Segundo C. Cassab, foi na segunda metade do século XIX que se iniciou no Brasil a produção do discurso sobre a juventude e os jovens. Surgiu no momento em que o higienismo forjou uma categorização da pobreza, definindo estratégias para a prevenção de possíveis desvios vindos dos setores pobres da sociedade. Nesse contexto, tudo o que se relacionava aos pobres associava-se a ideia de periculosidade. Essa ideia era reforçada se o indivíduo fosse pobre e jovem. Mesmo quando não realizava nenhum crime era visto como perigo potencial de realização futura. Aqui a educação passa a ser preventiva, tanto na escola quanto

<sup>6</sup> CASSAB, C., *Refazendo percursos: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil*, In: *Perspectiva*, 128 (2010), p. 39.

<sup>7</sup> Cf. COSTA, J. F., *Ordem médica e norma familiar*, p. 158.

<sup>8</sup> Cf. COIMBRA C.; NASCIMENTO, M. L., *Jovens pobres: o mito da periculosidade*, In: FRAGA, P. C. P.; JUNIANELLI, M. A. S. (orgs.), *Jovens em tempo real*, p. 24.

<sup>9</sup> COSTA, J. F., op. cit., p. 196.

no exército, outra possibilidade de formação profissional para os jovens pobres<sup>10</sup>. Através do Código Penal de 1890 os jovens pobres, tidos como delinquentes ou potencialmente delinquentes, estavam destinados às colônias correcionais. C. Cassab mostra com sua pesquisa que se trata novamente de um:

[...] recorte de classe. Em realidade, era, fundamentalmente, o jovem pobre o alvo das preocupações disciplinadoras e controladoras do Estado. Havia uma concepção de criminalização da pobreza e da juventude pobre e a identificação do que ficou conhecido como “classes perigosas”<sup>11</sup>.

Se antes os jovens não tinham estatuto próprio, a partir do século XIX eles passaram a ser controlados por legislações específicas e associados à imagem de delinquência e criminalidade, referindo-se claramente aos jovens pobres<sup>12</sup>. A abordagem feita pelo poder público ao longo da história encontrou espaço no imaginário social por longo período. O tema passou a ser preocupação das ciências sociais por volta de 1950. Na década de 1960 a produção sociológica brasileira tratou da juventude a partir de duas posições: rebeldia ou conformismo diante dos processos de mudança social. No Brasil a luta de muitos jovens direcionava-se contra a ditadura militar. Em todo o mundo inúmeros jovens levantaram-se contra sistemas dominantes. C. Cassab nos diz que:

Toda essa movimentação da juventude foi interpretada, pela sociologia brasileira, a partir da perspectiva da luta de classes, que identificou a crise da juventude como uma representação da crise de toda a sociedade. Para Foracchi (1972), os jovens seriam os responsáveis pela mudança, organizados em movimentos estudantis que, por sua vez, seriam resultantes do conflito entre uma classe média emergente e os setores dominantes, sendo, no entanto, uma das únicas e mais vitais forças atuantes no Brasil naquele período<sup>13</sup>.

Até os anos 60 o Brasil visibilizou apenas a existência de uma juventude escolarizada e de classe média, já no término do século passado as atenções recaíram sobre a infância e adolescência, devido à situação de risco em que esses se encontravam. Segundo H. Abramo, os jovens propriamente ditos ficaram fora do planejamento das ações, e da pauta sobre direitos e cidadania<sup>14</sup>, a juventude

<sup>10</sup> CASSAB, C., op. cit., p. 42.

<sup>11</sup> Ibid., p. 43.

<sup>12</sup> Cf. Ibid., p. 44.

<sup>13</sup> Ibid., p. 45.

<sup>14</sup> Cf. ABRAMO H. W., *Juventude*, p. 271.

nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada<sup>15</sup>. Ela nasce na sociedade moderna ocidental, com maior desenvolvimento no século XX. Surge como um tempo a mais de preparação para a complexidade das tarefas de produção, sendo, porém privilégio de poucos, pois era reconhecida como o tempo em que os filhos da burguesia ausentavam-se para preparar-se para o ingresso lucrativo na sociedade por meio de um maior nível de educação<sup>16</sup>.

Segundo R. M. Souza a sociologia brasileira passou a analisar a juventude como categoria social e histórica com importante função política, isso se referenciando aos jovens universitários não pobres<sup>17</sup>. Assim, a sociologia referia-se à juventude a partir de um corte etário e de classe. O envolvimento dos jovens com questões políticas e sociais vinculou a imagem da juventude a da revolta, da rebeldia e da revolução. A interpretação acerca dessa geração deixou fortes consequências para as seguintes gerações. R. M. Souza nos diz que:

[...] em comparação com o mito, acontecimento deslocado do tempo e da história, figura unitária que transformou em identidade o que era pluralidade e movimento de desidentificação, o comportamento juvenil posterior começou a aparecer como negação ou traição<sup>18</sup>.

Os jovens da década de 1980 foram taxados de apolíticos, apáticos e sem capacidade de transformação social. Alguns diziam ser consequência da educação opressora que esses jovens receberam nos anos anteriores por conta do período de ditadura. São vistos como alienados e interessados somente em se inserir na dinâmica do consumo. Nesse momento da história os pesquisadores passam a olhar a cultura como elemento agregador e identificador da juventude<sup>19</sup>.

De acordo com A. Flitner, os jovens tornam-se interesse acadêmico apenas na passagem do último século, “quando as formas do movimento e da cultura juvenil surgiram como aparições excêntricas”<sup>20</sup>. A visibilidade ocorre apenas diante do surgimento de um comportamento considerado anormal diante dos

<sup>15</sup> Cf. ABRAMO H. W., *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*, p. 41.

<sup>16</sup> Podemos aprofundar a temática em ABRAMO, H. W., *Condição Juvenil no Brasil contemporâneo*, In: ABRAMO, H. W. (org.), *Retratos da Juventude brasileira*, p. 37-73; SOFIATI, F. M., *Juventudes e contemporaneidade*, In: *Vida Pastoral*, ano 54, n. 288, jan./fev. 2013, p. 23-32.

<sup>17</sup> Cf. SOUZA, R. M., *O discurso do protagonismo juvenil*, p. 28.

<sup>18</sup> Cf. *Ibid.*, p. 30.

<sup>19</sup> CASSAB, C., *op. cit.*, p. 48.

<sup>20</sup> FLITNER, A., *Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre juventude*, p. 47.

padrões vigentes. Segundo H. Abramo a juventude, na virada do século<sup>21</sup>, “[...] vai progressivamente sendo percebida como um sujeito social específico, com experiências, questões e formulações particulares, dadas pela sua condição etária e geracional”<sup>22</sup>. Neste contexto,

A ideia central é de que a juventude é o estágio que antecede a entrada da “vida social” e que como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidades e independência, mais amplos do que os da criança e não tão completos quanto os do adulto<sup>23</sup>.

Ainda estamos diante de uma definição de juventude marcada pela negatividade ou pela indeterminação, diante de algo que não se é mais e que ainda não se chegou a ser, um estado incerto que vem da coexistência da distância entre o universo infantil e o adulto. Precisar este termo é tarefa árdua, requer atenção em não fechar-se apenas na descrição de uma ou outra característica ou evento que acontece em torno dos jovens. Há muitos ângulos pelos quais se pode abordar a temática, mas como podemos compreender essas categorias hoje, depois de termos feito esse breve percurso histórico de nosso país? Na sequência tentaremos encontrar a “definição” dessas categorias.

### **3.1.2. As categorias jovens e juventudes**

Antes de qualquer conceituação teórica gostaríamos de lembrar a descrição feita por P. Singer:

Compõe a juventude pessoas que estão na mesma faixa etária, digamos dos 16 aos 24 anos<sup>24</sup>. [...] Em função do momento histórico em que nasceram, elas estão fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas e econômicas. Se são todas nascidas no Brasil e continuam no país em sua juventude, então é de esperar que a maioria vivencie a realidade brasileira ao mesmo tempo e

<sup>21</sup> Sobre a trajetória histórica da juventude como categoria social podemos ver a obra em questão - ABRAMO, H. W., *Cenas Juvenis*, p. 1-9.

<sup>22</sup> ABRAMO H. W., *Cenas Juvenis*, p.09.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>24</sup> É comum o uso da faixa de 15 a 24 anos na definição de juventude. No entanto, tal procedimento nem sempre é adotado. Por exemplo: na pesquisa espanhola, *Informe Juventud en España*, o intervalo é de 15 a 29 anos; já na *Encuesta Nacional de Juventud 2000*, realizado pelo Instituto Mexicano de *La Juventud*, o intervalo pesquisado é o de 12 a 29 anos. No debate contemporâneo sobre juventudes, não são raros aqueles que defendem a extensão dessa faixa etária para além dos 24 anos, uma vez que a construção da autonomia – característica fundamental dessa etapa da existência – avança crescentemente sobre os anos a partir desse ciclo etário. A UNESCO na publicação *Políticas de/para/com Juventudes*, Brasília, Unesco, 2004, apresentará a juventude como um período transitório, fadado a perder-se e determinado para a etapa dos 15 aos 29 anos.

em estágios vitais semelhantes: juntas terminarão os estudos, casarão e terão filhos, farão carreira, se engajarão em movimentos políticos, sociais, culturais etc. etc<sup>25</sup>.

Poderíamos nos deter a essa afirmação se quiséssemos uma definição simples para descrever nossos jovens, mas será que podemos nos contentar com a resposta de que formam um grande grupo situado num mesmo período da história ocupando lugares diferentes do globo? Essa não é a intenção do autor, ele simplesmente introduz sua reflexão com esse conceito e a ampliará ao longo de seu artigo. Também nós não podemos nos satisfazer com essa primeira definição.

Para H. Abramo, “juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas”<sup>26</sup>. Não queremos fazer parte dessa massa que enquadra os jovens em uma conceituação restrita e imutável, pois sabemos que mesmo vivendo sob diversas coincidências temporais, a realidade juvenil sofre influências de diversos aspectos seja da vida individual ou da vida coletiva, perpassando questões geográficas, culturais, econômicas, psicológicas, religiosas, entre outras.

Para C. Cassab, “definir o momento da juventude e o sujeito jovem significa entender essas categorias enquanto históricas e culturais. O que pressupõe a compreensão de que os jovens e a juventude são distintos no tempo e no espaço”<sup>27</sup>. Sabemos que a noção mais geral do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, uma etapa da vida, em que o desenvolvimento físico se completa e ocorrem muitas mudanças psicológicas e sociais. No entanto, “a noção de juventude é socialmente variável”<sup>28</sup>. H. Abramo afirma que: “A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modificam-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas”<sup>29</sup>. Além das mudanças nas características juvenis, de acordo com cada sociedade, e também de acordo com o tempo, H. Abramo nos lembra que muitas sociedades não concedem aos jovens nem ao menos uma visibilidade social que os inclua numa ou noutra condição, o que proporciona nos tempos atuais a indiferença com relação a essa parcela da

---

<sup>25</sup> SINGER, P., *A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social*, p. 27.

<sup>26</sup> ABRAMO, H. W., *Retratos da juventude brasileira*, p. 37.

<sup>27</sup> CASSAB, C., op. cit., p. 39.

<sup>28</sup> ABRAMO, H. W., *Cenas Juvenis*, p. 1.

<sup>29</sup> Ibid., loc. cit.



sociedade, principalmente no que diz respeito a elaboração de políticas públicas que os respaldem em seus direitos e deveres<sup>30</sup>.

Diante da história da construção desse termo, hoje somos convidados a não nos determos na juventude apenas como uma categoria hegemônica que se presta a representar todos os jovens. Assumimos a reflexão de que:

[...] o alerta inicial é o de que precisamos falar de juventudes, no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes<sup>31</sup>.

Estamos diante de um novo centro de interesses, onde o importante é pensar os diferentes modos como a condição juvenil é ou pode ser vivida. Esse debate não tem a intenção de fazer desaparecer a realidade social, mas possibilitar que os jovens possam expressar aquilo que lhes faz falta, o que necessitam para viver de forma digna, em vez de estarem simplesmente no registro da negação da própria identidade. O acolhimento desse conceito favorece a visibilidade de todas as juventudes, e não apenas da realidade de uma pequena parcela de favorecidos por suas condições sociais, como aconteceu ao longo da história<sup>32</sup>.

Vemos uma multiplicidade de alternativas conceituais em torno do termo “juventude”, o que de imediato gera tensões, pois desmitifica a homogeneidade com a qual os jovens são tratados em sua maioria. Obrigatoriamente surge a necessidade de ampliar a visão sobre o tema e possibilitar que as diversas expressões juvenis sejam reconhecidas na sociedade como fenômenos próprios das juventudes, mesmo que não sejam padrões seguidos por todos os que se encaixam na faixa etária que tradicionalmente aponta para tal grupo.

---

<sup>30</sup> Sobre essa temática podemos consultar ABRAMO H. W., *Juventude*, In: BITTAR, J., (org.), *Governos estaduais: avanços e desafios*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 267-281.

<sup>31</sup> ABRAMO, H. W., *Retratos juvenis*, p. 44.

<sup>32</sup> No texto de CASSAB C., *Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução*, Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf>, Consultado em: 05 nov. 2014, poderemos ter um panorama de como os jovens foram vistos e tratados ao longo dos séculos. A autora afirma que a juventude é uma construção social, sujeita a alterações no decorrer da história e mostra as diferenciações entre os jovens desde tempos antigos, como podemos ver em suas considerações finais: “O fato é que a categoria juventude engloba uma série de “diferentes”. São tantas as juventudes quantas são as classes sociais, a etnia, a religião, o gênero, o mundo urbano ou rural e os tempos. Ou seja, juventude é uma categoria socialmente construída. Daí sua mutabilidade ao longo da história”.

Queremos pensar nas juventudes como uma construção social, como um espelho retrovisor da sociedade atual<sup>33</sup>. Segundo M. Sandoval,

A juventude tal qual a concebemos hoje é um fenômeno tipicamente moderno, só a partir da aparição da Escola, como instituição especializada em educação, começa a considerar-se uma determinada etapa da vida como “juventude”, entendida como construção social [...]<sup>34</sup>.

Se a juventude é uma criação da modernidade, não podemos olhá-la sem considerar as realidades históricas nas quais estão inseridas. Segundo H. Dick “os jovens sempre existiram, mas, como “juventude”, são bem recentes”<sup>35</sup>. Encontramos em L. A. Groppo a afirmação de que ao falarmos de “juventude” estamos nos referindo a uma categoria social, ele assim a define:

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a elas atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos<sup>36</sup>.

Com essa afirmação, salientamos que não existe apenas um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto diversificado, com diferentes oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Dessa forma insistimos, juntamente com os autores estudados, que a juventude, por definição, é uma construção social, isto é, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens. Produção na qual se conjugam estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo, entre outros<sup>37</sup>. Não podemos nos fechar a uma definição redutiva da realidade onde todos os jovens são colocados no mesmo discurso e nas mesmas expectativas. L. A. Groppo afirma que “o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico,

<sup>33</sup> Cf. NOVAES, R., *Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo*, p. 3.

<sup>34</sup> SANDOVAL, M., *Jóvenes del siglo XXI: sujetos y actores en una sociedade en cambio*, p. 95. Tradução nossa.

<sup>35</sup> DICK, H., *Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo na história*, p. 31.

<sup>36</sup> GROPPPO, L. A., *Juventude, ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*, p.7-8.

<sup>37</sup>Cf. ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M., *Juventude, juventudes*, p. 21.

nacional e regional etc”<sup>38</sup>. Sendo assim podemos nos questionar sobre a conduta de nossos jovens partindo de tudo o que o “mundo adulto” lhes oferece, em todos os seus segmentos e instituições. Não podemos exigir desta “categoria social” aquilo que a sociedade adulta não lhes proporciona, pois sabemos que o contexto é determinante para sua formação. F. Sofiati nos dirá que:

O significado da juventude na sociedade moderna muda conforme o contexto histórico, pois sua formação é definida e concretizada a partir daquilo que se espera dessa categoria social. “A juventude pertence aos recursos latentes de que toda sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade”<sup>39</sup>.

As sociedades utilizam as potencialidades das juventudes para produzir transformações, porém tais potencialidades só se tornam função social quando existe um processo de integração desses agentes revitalizadores, ou seja, o contexto e o processo de formação pelo qual passa a juventude são fatores decisivos na definição de sua postura diante da sociedade<sup>40</sup>. Partindo da definição de que não temos apenas uma juventude uniforme, mas diversas juventudes, podemos compreender que, também essas respostas serão diversas e muito possivelmente de acordo com a sociedade que compõe o cenário juvenil em questão. Não queremos que essas percepções acerca das identidades juvenis sejam consideradas como fonte de estagnação para os jovens. Não podemos manter a ideologia de que todos os jovens se adéquam a um único conceito de juventude, precisamos ampliar, precisamos pensar em juventudes, para que os jovens sejam reconhecidos na categoria que mais se aproxima de sua realidade pessoal e grupal.

Assim como eles,<sup>41</sup> cremos que o futuro não está fadado a ser simples e mera reprodução da sociedade vigente, mas pode apresentar novas perspectivas, novos rumos, sem fechar as portas para o novo que emerge na sociedade por diversas iniciativas, inclusive proveniente do mundo jovem<sup>42</sup>.

<sup>38</sup> GROPPPO, L. A., op. cit., p. 10.

<sup>39</sup> SOFIATI, F. M., *Juventude católica*, p. 30.

<sup>40</sup> Cf. Ibid., loc. cit.

<sup>41</sup> Sobre essa esperança dos jovens no futuro podemos buscar maiores informações na pesquisa de ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M., no artigo *Juventude, juventudes*: pelos outros e por ela mesma, p. 20-21, Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>, Acesso em: 18 mar. 2014.

<sup>42</sup> DICK, H., em sua obra, *Gritos silenciados e silêncios juvenis latino-americanos*, nos ajuda a aprofundar a temática referente às atuações juvenis ao longo da história e as mudanças que emergem de tais iniciativas para toda a sociedade. Também RIBEIRO, R. J., em seu artigo *Política e Juventude: o que fica da energia*, nos proporciona aprofundamento acerca da temática.

Dentre outros autores, Maria Kehl nos mostra que essa parcela da população passa a ocupar lugar de destaque no mercado, tornando-se consumidores extremamente poderosos, ou seja, “[...] passou a ser considerado cidadão porque virou consumidor em potencial. [...] Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a [uma] certa elite atualizada e vitoriosa”<sup>43</sup>. No entanto, como vimos acima, até mesmo esse clichê refere-se a algumas juventudes, pois bem sabemos que nem todos são consumidores, nem todos servem ao mercado como se imagina ou espera dos jovens. Muitos pertencem a uma realidade em que nem ao menos têm garantidos seus direitos básicos de saúde, moradia, educação, alimentação e lazer. Muitas estatísticas nos mostram que a violência<sup>44</sup> atinge milhares de jovens diariamente em nossa sociedade, que muitos deles sofrem com o desemprego, o tráfico humano<sup>45</sup>, e grande maioria dos encarcerados são jovens entre 18 e 29 anos<sup>46</sup>.

Nossos jovens vivem numa época de profundas transformações que afetam sua transição para a vida adulta. Encontram-se no centro de uma arquitetura social onde a desigualdade e o acirramento das diferenças são muito visíveis<sup>47</sup> e que certamente compõem a identidade dos mais diversificados grupos. Assim, percebemos que:

Existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. Até porque [...] vivencia-se a condição juvenil de diferentes maneiras, em função das diferenças sociais e de parâmetros concretos, como o dinheiro, a educação, o trabalho, o lugar de moradia, o tempo livre etc. Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados<sup>48</sup>.

<sup>43</sup> KEHL, M. R., *A Juventude como sintoma de cultura*, p. 91-92.

<sup>44</sup> Sobre esta temática podemos buscar maiores referências e precisão em WASELFSZ, J. J., *Mapa da violência 2013*, Rio de Janeiro, CEBELA; FLACSO, 2013, Disponível em: [http://www.cebela.org.br/site/common/pdf/Mapa\\_2013\\_Jovens.pdf](http://www.cebela.org.br/site/common/pdf/Mapa_2013_Jovens.pdf).

<sup>45</sup> O material da Campanha da Fraternidade 2014, *Fraternidade e tráfico de pessoas*, enfatiza a temática do tráfico humano e nos permite perceber que a maioria das vítimas do tráfico para a escravidão no trabalho bem como a exploração sexual e a retirada de órgãos atinge a categoria juvenil.

<sup>46</sup> Estes dados podem ser conferidos no site do Ministério da Justiça, Info Pen Estatística, Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={D574E9CE-3C7D-437A-A5B6-22166AD2E896}&BrowserType=NN&LangID=pt-br&params=itemID%3D%7BC37B2AE9-4C68-4006-8B16-24D28407509C%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>.

<sup>47</sup> Cf. ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M., op. cit., p. 25.

<sup>48</sup> Ibid., loc. cit.

Com essa definição que nos faz perceber a diversidade que se dá dentro de uma mesma geração, àquela definida por uma mesma faixa etária, não queremos negar suas características comuns. Sabemos que:

Ainda que as diferenças sejam marcantes, existem, no entanto, algumas características que parecem comuns a todos os grupamentos juvenis, estendendo-se a todos independentemente de suas condições objetivas de existência. Dentre elas, destacam-se, entre uma série de outras: a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto etc<sup>49</sup>.

Não podemos simplistamente nos fechar nas semelhanças e esquecer as particularidades de cada grupo juvenil. No entanto, não vamos nos alongar na temática acerca da definição do conceito juventudes. Veremos agora alguns aspectos da moratória juvenil para melhor compreendermos aqueles que são sujeitos da esperança cristã.

### 3.1.3. Moratória juvenil

A definição de moratória que encontramos no dicionário está ligada ao campo econômico, significando dilatação de prazo para pagamento de dívida em circunstâncias especiais<sup>50</sup>. No artigo de M. Margulis e M. Urresti, “Juventude é mais que uma palavra”<sup>51</sup> nos deparamos com uma noção de moratória tomada de conotações “sociais”, que redefinem o entendimento acerca do termo construindo-o como uma ferramenta para mensuração de condições desiguais do uso da juventude pelos jovens.

Para os autores existe uma “base biológica” da juventude, no entanto, essa base só existe e só faz sentido na sociedade, pois está investida de uma “forma” sociocultural, e é nesta forma que a juventude se faz visível. Temos aqui a ideia de que a juventude é também um símbolo<sup>52</sup>, que se materializa na seguinte imagem:

<sup>49</sup> ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M., op. cit., p. 26.

<sup>50</sup> O dicionário Aurélio assim define o verbete: “espera, dilatação que o credor concede ao devedor além do dia do vencimento da dívida. Ato de adiar os vencimentos das dívidas, suspendendo os pagamentos e ação da justiça, decretado pelo governo de um país que passa por circunstâncias excepcionalmente graves (guerra, revolução, crise econômica, calamidade pública)”.

<sup>51</sup> Cf. MARGULIS, M.; URRESTI, M., *Juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventud*, p. 15-17.

<sup>52</sup> Cf. Ibid., p. 17.

[...] a do jovem bonito, saudável, com futuro pela frente, mas já “antenado” com ele (pelas roupas que usa, pelos gostos culturais que professa e pelas ideias que expressa). Ele é moderno, ele é saudável, ele é promissor, ele é projeção para o futuro. Para o NOSSO futuro. E ele combina tudo isso com uma leveza de quem ainda não carrega grandes responsabilidades, com o descompromisso de quem ainda é objeto de investimento de economias, energias e desejos sociais<sup>53</sup>.

No entanto, a posse desse símbolo não depende apenas do desejo dos jovens. Depende do reconhecimento por parte da sociedade, sobre quem pode e quem não pode projetar-se nesta imagem. Surge então a indagação sobre quem decide a pertença ou não a essa identificação. M. Margulis e M. Urresti irão distinguir na juventude dois tipos de condição, as quais chamam moratória vital e moratória social, com o intuito de compreender esse processo<sup>54</sup>.

Para compreender como se relacionam essas moratórias precisamos ver a juventude primeiramente como um período da vida em que se tem um excedente temporal. Essa disponibilidade para a vida, esse “ter toda a vida pela frente”, é a considerada a moratória vital. Isso também depende da sociedade para se realizar! Logo vemos que a realidade biológica (ter toda a vida pela frente) não é igual à realidade social (jovem é o que se adéqua a imagem que a sociedade faz da juventude). O que deveria ser condição geral passa a ser a condição apenas de alguns, deixando de ser condição geral pela distribuição desigual que sofre.

A moratória social não goza de uma condição comum estabelecida pela realidade biológica como na moratória vital. Na moratória social o potencial para a vida pode ou não ter “bons resultados”. A vida já não é longa para todos os jovens, sabemos que muitos morrem precocemente por causas externas, outros tantos não gozam da saudável imagem que se faz da juventude por estarem imersos no mundo das drogas, no trabalho escravo, na prostituição e em tantas outras realidades que descaracterizam suas potencialidades juvenis. O que determina a possibilidade de usar o tempo será a adequação entre o jovem construído como símbolo da sociedade e o jovem real. Segundo o relatório SNJ:

[...] essa imagem ideal da juventude constitui-se numa moeda. E, como toda moeda, ela é mais valorizada, quanto mais desigual for a sua distribuição. O acesso a esta moeda, a essa imagem, acompanha os mesmos critérios de distribuição das

<sup>53</sup> Cf. SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, *Estação juventude: conceitos fundamentais, pontos de partida para uma reflexão sobre políticas públicas*, p. 25. Disponível em: <http://participatorio.juventude.gov.br/blog/view/223696/estacao-juventude-snj-lanca-caderno-com-reflexoes-sobre-politicas-publicas>, Acesso em: 07 nov. de 2014.

<sup>54</sup> Cf. MARGULIS, M.; URRESTI, M., op. cit., p. 20.

demais moedas na sociedade. [...] O acesso a esta moeda está condicionado à posse de uma espécie de “crédito” que a sociedade, através de sua rede de instituições, oferece a alguns jovens. Aos jovens “legítimos”. A esse crédito social, de caráter formativo, que garante, por hipótese, o acesso às condições de uso pleno da juventude, e que garante também condições para a construção de um futuro mais digno e mais autônomo para o jovem, Margulis e Urresti dão o nome de moratória social<sup>55</sup>.

Os autores acima mencionados nos dizem que podemos ter “jovens não juvenis”, ou seja, jovens que não gozam dos atributos que a sociedade destina aos jovens, que não gozam da moratória social, como podemos ter “não jovens” que gozam dos atributos da juventude por participarem, por exemplo, de classes altas da sociedade que lhes possibilitam tal situação<sup>56</sup>. Assim, a moratória social faz referência a um tempo doado pela sociedade para que seus jovens (em proporções diferentes) experimentem a condição adulta, sem as responsabilidades a esta associadas. Esse tempo de experimentação varia com a condição social dos jovens, podendo alongar-se indefinidamente, como sendo abreviado. Logo,

Entendemos que a possibilidade de experimentação da condição juvenil está articulada a um número significativo de instituições sociais responsáveis por sua realização. Escola, Universidade, Igreja, família, mas também partidos, associações classistas, equipamentos e organizações culturais. Atualmente, novos elementos vêm se agregando às instituições mais tradicionais nos processos de socialização da juventude, e que vêm permitindo uma experimentação mais autônoma da condição juvenil, dentre estes os grupos pares e as mídias eletrônicas, dentre outros<sup>57</sup>.

No entanto, a condição de uso destas instituições não está disponível de maneira justa para todos na sociedade. As marcas da desigualdade ainda pesam nesse reconhecimento de direitos. Prosseguiremos a temática expondo alguns paradigmas que muitas vezes limitam nossa reflexão acerca das juventudes, trazendo à tona uma possibilidade de libertação para muitos.

### **3.1.4. Pensar e repensar as juventudes: superando “chavões”**

Consideramos também necessário colocar em pauta as preocupações da Conferência Episcopal Latino-Americana ao referir-se aos conceitos acerca das

<sup>55</sup> SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, op. cit., p. 27-28.

<sup>56</sup> Cf. MARGULIS, M.; URRESTI, M., op. cit., p. 22.

<sup>57</sup> SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, op. cit., p. 30.

juventudes. O texto nos fala de quatro paradigmas: a juventude como “etapa preparatória”, a juventude como “etapa problemática”, a juventude como “potencial transformador” e a juventude como “sujeito de direitos, a caminho da autonomia”.

Tomando o paradigma da juventude como “etapa preparatória”, o jovem aparece como aquele que prioritariamente necessita ser “preparado”. Desde a revolução industrial (1790), essa intervenção é o que se chamou de “moratória social”. Nesse contexto a atitude do adulto é controlar a nova força chamada “juventude”. Nesta linha pode caminhar a escola, o internato, o serviço militar, a definição de idades para assumir determinadas responsabilidades, a maneira como se trata alguns movimentos e organizações. As atividades que vêm desses locais são destinadas à formação, tendo os adultos como protagonistas das informações e da educação. Esse paradigma supõe que os jovens devem apenas aprender, pois não têm nada a ensinar. Daqui surge o discurso do jovem como futuro da sociedade, deixando de considerar o presente porque ainda não está preparado, são vistos apenas como necessitados de preparação sem ter nada novo a revelar. Essa é a postura de adultos que se consideram detentores de toda a sabedoria, que validam determinadas experiências sendo que as provenientes dos jovens não valem ou simplesmente não existem. Trazemos presente duas posturas que nos ajudam a repensar esse paradigma acerca das juventudes. Primeiro citamos o texto do livro do profeta Jeremias, quando afirma: “Senhor, eu não sei falar porque sou jovem”, e o Senhor lhe responde: “Não digas, sou jovem. Não tenhas medo deles. Estou contigo para proteger-te. Coloco minhas palavras em tua boca” (cf. Jr 1,6-10). Por fim, o pensamento de Paulo Freire que nos diz que todos nós educamos, todos somos artífices do processo de formação e crescimento. Jovens e adultos entram em diálogo e mútua construção em ambos os mundos. O documento do CELAM constata com pesar que esse paradigma ainda não está aberto para aceitar essa realidade de troca e conjunta construção<sup>58</sup>.

No paradigma da juventude como “etapa problemática” o jovem é visto como um problema. É um problema porque gera conflitos, porque faz coisas erradas, porque não respeita a tradição, porque não cumpre as normas, enfim, por diversos fatores. No entanto, ao longo dos séculos, vemos muitos jovens atuando de maneira contrária a esse paradigma, apresentam-se como aqueles que

<sup>58</sup> Cf. CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, *Civilización del amor*, n. 16-17.



favorecem as mudanças sociais, com grande influência sobre a história<sup>59</sup>. Os adultos desejam ser jovens, produzem para que eles consumam e mantenham viva a engrenagem, no entanto, continuam os acusando como as causas de muitos problemas da humanidade. Nesse quadro até as atividades oferecidas para os jovens possuem caráter de prevenção. Este paradigma de olhar, estudar e trabalhar com os jovens, de fato, não respeita e não ama as juventudes. Muitas vezes temos medo das juventudes e não estamos encantados por elas nos desafios que nos lançam. Não ver as juventudes como um problema é uma graça que precisamos pedir e uma realidade que temos que descobrir na Teologia e na Palavra de Deus<sup>60</sup>.

No paradigma das juventudes como “potencial transformador” estamos olhando nossos jovens como fonte de renovação, como um segmento da sociedade capaz de transformar o mundo. Dentre outros acontecimentos citamos a criação da Ação Católica, incentivada pelo papa Pio XI. Nesse contexto os jovens eram responsabilizados pelas transformações sociais. A juventude era vista como solução, desejava-se uma juventude articulada e organizada, movida pelas questões sociais e pelo dinamismo político, encarnando a utopia e o sentido do país, tendo até mesmo a sexualidade orientada para a procriação conforme as normas da Igreja. Essa realidade dos jovens era discutida por filósofos, políticos, artistas e intelectuais. De forma um pouco romântica, o futuro se concentrava na juventude, movido por interesse não pela valorização do jovem como tal. A forma de olhar os jovens vai amadurecendo, também na Igreja, e caminha-se para vê-lo como lugar e realidade teológica, o que é algo novo para as juventudes e para a Igreja<sup>61</sup>.

Por fim, queremos apresentar o paradigma da juventude como sujeito de direitos, a caminho da autonomia. É um paradigma que aposta na formação das juventudes, através de uma pedagogia que considera todas as dimensões da pessoa. É um paradigma que custa a aparecer, porém tem expressão, de alguma forma, no documento 85 da CNBB sobre a evangelização da juventude. Partindo da antropologia cristã, o modelo de ser humano é Jesus, a felicidade e a realização do jovem é a finalidade. Este modo de encarar o estudo e o trabalho com as

---

<sup>59</sup> Sobre essa temática indicamos o aprofundamento a partir da obra de DICK, H., *Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História*, São Paulo, Loyola, 2003.

<sup>60</sup> Cf. CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 18-20.

<sup>61</sup> Cf. Ibid., n. 21-22.

juventudes é realizado por um “credo pedagógico” que se traduz pela valorização grupal, na importância da organização, no trabalho com os diferentes tipos de jovens, na formação integral, na importância do acompanhamento das juventudes, no cultivo da memória, dando lugar privilegiado a elaboração do projeto de vida e ao método da experiência ou da necessidade de partir da realidade.

Nesta perspectiva, das juventudes como sujeitos de direitos, é fundamental que se elabore um plano de trabalho “com” e “para” eles, que se busque a implementação de políticas públicas “de”, “com” e “para” os jovens, que se fundamente em uma pedagogia que leve em conta todas as dimensões da vida do jovem, que a palavra “protagonismo” tenha espaço significativo entre as juventudes. Sem protagonismo o jovem não se motiva a assumir responsabilidades, tomar iniciativas e desenvolver habilidades de liderança. O protagonismo dos jovens é complementado e enriquecido pelas assessorias, pela experiência dos adultos. Estamos diante de um paradigma libertador, que não oprime e tão pouco trata os jovens com utilitarismo<sup>62</sup>.

Queremos apontar para heterogeneidade que circunda essa categoria social formada por aqueles(as) que são a esperança da Igreja conforme as recorrentes afirmações Magisteriais. Fechar-se em uma definição que aponte para a homogeneidade pode ser contraditório para uma Igreja que opta pelos jovens (cf. DP, n. 1186) em sua realidade global e não por uma ou outra parcela deles. Assumir suas diferenças significa para nós o grande desafio de deixar que o Espírito conduza de maneira sempre nova o anúncio do Reino, de maneira que Jesus Cristo possa ser testemunhado na realidade de cada um, assim como afirma M. F. Miranda em seu artigo “Em vista de uma nova evangelização”:

Ora, a mensagem cristã da salvação só será considerada tal por uma geração na medida em que puder incidir em seus anseios, angústias, carências, sofrimentos, busca de sentido e de realização. Certamente não se trata de proclamar outra mensagem adaptada ou submissa às necessidades históricas e transitórias de uma geração, mas de enfatizar no mesmo anúncio da fé algumas verdades, talvez esquecidas ou relegadas no passado, mas de grande importância em nossos dias<sup>63</sup>.

Desta maneira, compreendemos que é necessário a Igreja ter conhecimento de que tratamos de jovens, que por geração se identificam diante de outras já passadas, mas que olhados de maneira mais detalhada formam grupos

---

<sup>62</sup> Cf. Ibid., n. 23-26.

<sup>63</sup> MIRANDA, M. F., *Em vista da nova evangelização*, p. 14.

heterogêneos que merecem respeito em suas particularidades e em suas realidades têm o direito de encontrar os testemunhos da Boa Nova da esperança cristã. Mesmo com semelhanças inegáveis “[...] vivendo, ou não, a mesma história, cultura ou tradição, a verdade é que não há um único tipo de jovem”<sup>64</sup>. A CNBB lançando mão do conceito desenvolvido por pesquisadores das juventudes nos diz:

“Trata-se de uma fase marcada por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida”. Já não podemos mais olhar para a juventude como ciclo de breve passagem para a vida adulta. O período da juventude se alongou e se transformou, “ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas”. Desse modo, incluir os jovens na Igreja, hoje, significa olhar para as múltiplas dimensões em que eles estão inseridos. Para, a partir daí, tratá-los como sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação às outras faixas etárias. A juventude requer estrutura adequada para seu desenvolvimento integral, para suas buscas, para a construção de seu projeto de vida e sua inserção na vida profissional, social, religiosa etc. Tão importante, também, é olhar para a juventude conforme sua diversidade, “segundo as desigualdades de classe, renda familiar, região do país, condição de moradia rural ou urbana, no centro ou na periferia, de etnia, gênero, etc.; em função destas diferenças, os recursos disponíveis resultam em chances muito distintas de desenvolvimento e inserção”<sup>65</sup>.

Essas juventudes que compõem o cenário contemporâneo das novas gerações são também capacitadas por Deus para fazerem sua opção de fé, mas carecem de testemunhos coerentes e convincentes acerca da fé cristã. Todas as juventudes precisam saber que:

[...] Deus atinge o coração como centro e totalidade da pessoa humana, esta experiência não é meramente intelectual, fornecendo sentido à existência humana, mas também sensível e afetiva, consolando, fortalecendo, animando, pacificando os que a fazem. É a experiência do amor de Deus que chega até nós por seu Espírito e fundamenta nossa esperança (Rm 5,5), dando início a uma nova existência. É ela que nos permite viver a vida em profundidade, com suas luzes e sombras, alegrias e sofrimentos, é ela que nos faz experimentar a aventura cristã de dentro e não olhar o Evangelho apenas de fora<sup>66</sup>.

Na sequência, veremos em quais contextos estão inseridas as nossas juventudes, o que lhes é oferecido como princípios e valores. Abordaremos alguns aspectos dessa realidade embasados em dados publicados por vários órgãos que se dedicam ao conhecimento das juventudes. Prossigamos em nossa exposição.

<sup>64</sup> WAISELFSZ, J. J., *Relatório de desenvolvimento juvenil*, p. 01.

<sup>65</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Evangelização da juventude, desafios e perspectivas*, n. 27.

<sup>66</sup> MIRANDA, M. F., op. cit., p. 32.

### 3.2.

#### Recortes das realidades que envolvem as juventudes de nosso país

No tópico anterior apresentamos algumas definições acerca do termo juventudes, observamos a importância da utilização do mesmo, devido à diversidade que envolve nossos jovens. Vamos agora a um novo momento de nossa pesquisa, onde buscaremos compreender um pouco da realidade dessa nova geração. Utilizaremos o termo geração para podermos fazer referência ao momento histórico em que cada indivíduo se socializa, o que nos permitirá falar de um grupo plural sem que perca sua diversidade, ou seja, todos estão inseridos em um momento histórico, mas cada qual o vive e o absorve de maneira específica<sup>67</sup>. H. Abramo nos ajuda nessa compreensão ao afirmar:

A condição juvenil refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, refere-se a uma dimensão histórico-geracional, ao passo que a situação dos jovens revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc<sup>68</sup>.

Entendemos que, nas trajetórias individuais dos jovens de uma mesma geração, a condição juvenil comum se entrelaça com as diferentes situações vividas, resultando tanto em pertencimento geracional comum (juventude no singular) quanto na diferenciação social entre os jovens (juventudes no plural)<sup>69</sup>. Pertencer a uma mesma geração significa viver a juventude em um mesmo contexto histórico sem abandonar a diversidade. A condição juvenil lança-nos no conceito de geração que nos remete no contexto histórico em que cada indivíduo se socializa. Segundo A. B. Pereira,

Discutir a juventude na contemporaneidade leva-nos a tomar duas precauções importantes: entender que a noção de juventude é uma construção social e cultural e, além disso, bastante diversificada; e compreender que a noção de juventude não pode ser definida isoladamente, mas a partir de suas múltiplas relações e contextos sociais. Nesse sentido, pensar a ideia de juventude é pensar sobre condições de gênero, raça, classe social, moradia e pertencimento religioso. E, o principal, contextualizá-la historicamente, como integrante de uma geração específica que se relaciona com outras gerações. Por isso, como já tem sido bastante reiterado pelos

<sup>67</sup> Cf. SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, op. cit., p. 13.

<sup>68</sup> ABRAMOS, H. W., *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*, p. 25-36.

<sup>69</sup> Cf. SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, op. cit., p. 13-14.

especialistas, não é possível falar no jovem atual, mas nos diferentes modos de vivenciar a juventude na contemporaneidade<sup>70</sup>.

Não abordaremos aqui realidades específicas de muitas juventudes, mas sim situações que atingem direta ou indiretamente a geração jovem de nossos tempos, aquela que é constituída pelas diferentes juventudes das quais falamos até o momento.

### 3.2.1.

#### **Dados estatísticos acerca das realidades juvenis brasileiras**

Sabemos que os jovens de hoje vivenciam problemas e incertezas de seu tempo. Nas juventudes evidenciam-se as desigualdades econômicas, as disparidades regionais, as dicotomias entre campo e cidade, assim como os preconceitos e as discriminações, que distanciam os jovens de classes e grupos sociais distintos<sup>71</sup>. Não poucas vezes, a investida de uma forma sociocultural faz as juventudes serem visibilizadas de uma maneira que nem sempre é a real. Na verdade, essa imagem depende da sociedade e não apenas das juventudes, a sociedade define quem se enquadra neste perfil e quem fica de fora. Olhando para a realidade de nosso país podemos entender que grande número de nossas juventudes não se “enquadram” nessa descrição.

De acordo com o Censo IBGE 2010 o Brasil conta com 51.330.569 jovens entre 15 e 29 anos, o que corresponde a cerca de ¼ de sua população, e estão distribuídos nas seguintes proporções etárias: 15 a 17 anos 20%, 18 a 24 anos 47% e 25 a 29 anos 33%<sup>72</sup>. A distribuição entre sexo segue equilibra, sendo 49,6% de homens e 50,4% de mulheres. No que diz respeito à religião, 32.550.361 jovens se declaram católicos, o que atinge cerca de 63,3% da população jovem brasileira<sup>73</sup>. O Censo nos mostra que a maioria das juventudes encontra-se no meio urbano com o percentual de 84,8% e apenas 15,2% no campo.

<sup>70</sup> PEREIRA, A. B., *Juventude, juventudes*, 12 de abril de 2012, Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/juventude-juventudes#sthash.MOVpSIXk.dpuf>, Acesso em: 07 nov. 2014.

<sup>71</sup> Cf. SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, op. cit., p. 19.

<sup>72</sup> Cf. OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA JUVENTUDE, *Agenda juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013*, p. 14.

<sup>73</sup> Cf. IBGE, *Censo 2010*, Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf), Acesso em: 29 out. 2014.

Segundo a pesquisa realizada pela Secretaria Nacional da Juventude, 28% dos jovens estão classificados nos estratos baixos com renda *per capita* de até R\$ 290,00/mês, 50% no estrato médio e desse percentual 17% corresponde ao médio baixo e 15% ao médio médio, o que significa que 60% dos jovens brasileiros sobrevivem com uma renda *per capita* inferior ao salário mínimo. Apenas 11% das juventudes estão entre os estratos considerados altos, o que corresponde à renda *per capita* acima de R\$ 1.018,00/mês<sup>74</sup>.

De acordo com a mesma pesquisa, estamos diante de uma geração muito mais escolarizada do que a de seus pais. Cerca de 50% dos jovens concluíram o Ensino Médio, enquanto apenas ¼ de seus pais atingiram este nível de escolaridade, porém, esse índice tem grande oscilação quando analisado a partir do estrato social no qual está inserido o jovem<sup>75</sup>. Há uma série de desafios a serem vencidos no que diz respeito à superação de desigualdades que marcam distintas trajetórias de escolarização entre os jovens. Cerca de 1/3 dos jovens entrevistados na pesquisa da SNJ estão com defasagem em sua escolaridade (grau de escolaridade inferior ao esperado para a idade), e esse dado se manifesta principalmente no nível fundamental. Segundo a mesma pesquisa apenas 5% dos entrevistados estão nas universidades públicas, com um percentual de 31% nas universidades particulares, ao passo que a grande maioria estudou na rede pública ao longo do ensino fundamental e médio, sendo cerca de 69% e 65% respectivamente<sup>76</sup>. A pesquisa da SNJ nos mostra que:

Quando observada a defasagem segundo as diferenças de território, cor e renda, vemos que esta é significativamente maior entre os jovens rurais que não completaram o Ensino Fundamental, cuja parcela é igual ao dobro dos jovens urbanos na mesma condição. Entre os jovens negros, a defasagem no mesmo nível de escolaridade é também maior que a dos brancos. Já a diferença entre os jovens mais pobres e os mais ricos é altamente significativa, sendo apenas de 5% para os estratos altos e de mais de 25% entre os estratos mais baixos. [...] pudemos observar que as principais motivações são de ordem econômica (26%), seguida por motivações pessoais (22%) e também razões familiares (21%)<sup>77</sup>.

Com relação ao trabalho o Censo IBGE 2010 mostra que 53,5% dos jovens entre 15 e 29 anos estão trabalhando e de acordo com a pesquisa da SNJ dos que trabalham apenas 6% exercem a profissão que desejam e 79% ainda gostariam e

<sup>74</sup> Cf. OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA JUVENTUDE, op. cit., p. 21.

<sup>75</sup> Cf. Ibid., p. 23-24.

<sup>76</sup> Cf. Ibid., p. 40-42.

<sup>77</sup> Ibid., p. 42.

acreditam em outras chances<sup>78</sup>. Se observada por faixa de renda, vemos grande variação nos índices de jovens trabalhadores. Para os jovens de estratos baixos a PEA é igual a 64% e apenas metade deles exercem alguma atividade remunerada, já entre os jovens de estratos altos a PEA soma 84% dentre os quais nove em cada dez têm algum trabalho<sup>79</sup>. Nos estratos baixos a informalidade no trabalho é superior em 10% à formalidade, sendo a porcentagem de 32 e 22% respectivamente<sup>80</sup>. Já a OIT dirá que no Brasil, 18,4% das pessoas até 29 anos não trabalham ou estudam. Entre os homens o índice chega a 12,1%. Em relação às mulheres, a taxa alcança 21,1%. O percentual aumenta para 28,2% entre as mulheres afrodescendentes<sup>81</sup>.

As pesquisas de J. Waiselfisz nos mostram que em 2012, dos 77.805 óbitos juvenis registrados pelo SIM, 55.291 tiveram sua origem nas causas externas, considerando que as mais frequentes são homicídios, acidentes de trânsito e suicídio. Considerando o período de 1980 a 2012, entre os jovens, 62,9% das mortes devem-se a causas externas. Na população não jovem (aqueles que estão fora da faixa etária de 15 a 29 anos), esse percentual representa apenas 8,1% das mortes acontecidas. Entre os jovens os homicídios foram responsáveis por 28,8% das mortes acontecidas no período de 1980 a 2012, enquanto que na população não jovem esse percentual corresponde a 2% da população. Na década de 2002 a 2012 temos uma taxa de 56,1 e 57,6 homicídios respectivamente para cada 100 mil jovens, o que corresponde a um aumento decenal de 2,7%. Considerando a

---

<sup>78</sup> Cf. *Ibid.*, p. 58.

<sup>79</sup> Cf. *Ibid.*, p. 51.

<sup>80</sup> Cf. *Ibid.*, p. 52

<sup>81</sup> CAMPOS, A. C., *Desemprego entre os jovens é mais do que o dobro da taxa geral*, Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2014/01/desemprego-entre-jovens-e-mais-do-que-o-dobro-da-taxa-geral>, Acesso em: 04 nov. 2014. Sobre a questão do desemprego entre os jovens apresentamos dados da pesquisa feita pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) divulgadas em vários veículos de comunicação dos quais destacamos parte do artigo de Daniela Fernandes com o título “Brasil continuará com desemprego acima da média global até 2016, diz OIT”, publicado em 20 de janeiro de 2014 e disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140120\\_desemprego\\_oitrg](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140120_desemprego_oitrg): “Segundo os últimos números oficiais disponíveis, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, a taxa de desemprego no Brasil ficou em 7,4% no segundo trimestre de 2013. Até novembro, o desemprego acumulava alta de 4,6%. Para este ano e o próximo, o FMI já havia divulgado estimativas mais otimistas do que as da OIT. Para o Fundo Monetário Internacional, o índice deve fechar este ano em 5,8% (portanto, abaixo da média global da OIT) e, em 2014, em 6% (exatamente a média de 2013). Por sua vez, consultorias como a LCA e a Tendências preveem uma taxa de desemprego neste ano de no máximo 5,7% neste ano. O estudo da OIT afirma que o Brasil possui um alto índice de jovens entre 15 e 29 anos que não estudam ou fazem cursos profissionalizantes e, ao mesmo tempo, também não estão empregados: 18,4% das pessoas nessa faixa etária”.

comparação entre 2011 e 2012 essa elevação sobe para 8,5%. O Estado com maior índice de homicídio é Alagoas com 138,3 para cada 100 mil jovens. Olhando para as realidades das capitais, vemos as taxas de homicídios juvenis extremamente elevadas, em 2012 mais que duplicam as taxas totais, sendo 38,5 (não jovens) e 82, 7 (jovens) para cada 100 mil habitantes<sup>82</sup>.

Também a OMS, com o relatório emitido em 14 de maio de 2014<sup>83</sup>, evidencia o descuido do mundo com as novas gerações. Pela primeira vez dedicou um relatório exclusivo a essas pessoas, e nos fez ver que as três maiores causas de morte deles são os acidentes, a Aids e o suicídio, além de outras causas não naturais. Dentre outras doenças, a depressão é uma das que atinge as novas gerações<sup>84</sup>. Não temos o objetivo de aprofundar a temática, mas queremos fazer conhecido esse dado, para podermos refletir sobre que esperança vem sustentando nossos jovens e se de fato existe um “encontro de esperança”, entre Tradição e juventudes, entre a esperança depositada nas novas gerações e aquela vivida por eles no cotidiano.

Ainda tratando das realidades de nossas juventudes, não podemos ignorar um mal que assombra os jovens, suas famílias e toda a sociedade. Segundo a Folha de São Paulo do dia primeiro de maio de 2013, 45% dos moradores da cidade de São Paulo entrevistados pelo Datafolha tem como maior medo o envolvimento de jovens da família com drogas<sup>85</sup>. A publicação do Jornal Nacional a respeito de um estudo da Universidade Federal de São Paulo revelou que o Brasil é o maior consumidor de crack do mundo:

É difícil dizer ao certo quantas pessoas usam crack no Brasil. Mas um estudo feito pelo INPAD – ligado à Universidade Federal de São Paulo, estima que um milhão de usuários morem com as famílias. Segundo os pesquisadores, este número pode dobrar, se forem considerados os dependentes que vivem nas ruas. Esta possibilidade revela um cálculo assustador: um em cada noventa e cinco brasileiros já teria caído na armadilha do crack<sup>86</sup>.

<sup>82</sup> Cf. WASELFISZ, J.J., *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*, p. 13-59.

<sup>83</sup> G1, *Depressão é a doença mais frequente em adolescente, alerta a OMS*, 14/05/2014, Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/05/depressao-e-doenca-mais-frequente-na-adolescencia-alerta-oms.html>, Acesso em: 02 dez. 2014.

<sup>84</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>85</sup> Cf. FOLHA DE SÃO PAULO, *Maior medo é o de jovem se envolver com droga*, 01/05/2013, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/106746-maior-medo-e-o-de-jovem-se-envolver-com-drogas.shtml>, Acesso em: 04 nov. 2014.

<sup>86</sup> Cf. G1, *O Brasil é o maior consumidor de crack do mundo, revela estudo da Unifesp*, 25/05/2013, Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/05/brasil-e-o-maior-consumidor-de-crack-do-mundo-revela-estudo-da-unifesp.html>, Acesso em: 04 nov. 2014.



A situação das drogas entre nossas juventudes não pode ser banalizada, minimizada ou desprezada. Trata-se de um retrato de inúmeras outras situações que assombram essa nova geração. Segundo M. I. C. Millen e J. C. Millen, para compreender esse cenário é necessário lançar um olhar cuidadoso para a contemporaneidade. As autoras nos dizem que:

O progresso, o desenvolvimento e as possibilidades reais de uma qualidade de vida nunca antes nem sonhada, se defrontam, hoje, com situações sombrias, marcadas pela ansiedade desmedida, pela provisoriedade notada, pela desigualdade de oportunidades determinada, pela desafeição sentida, pela solidão e pela dor sem sentido, experimentadas e nem sempre suportadas<sup>87</sup>.

O que prega a sociedade nem sempre coincide com a experiência vital das pessoas. Mesmo que se ouça diariamente que precisamos do prazer a qualquer custo, o sofrimento, as frustrações, as perdas, a vulnerabilidade e tantos outros desconfortos são reais. O contraste entre desejo e realidade é real para todos, ninguém está imune às concepções forjadas pela atualidade como ideais, mas nem sempre realizáveis na vida concreta. Nossos jovens, também vítimas dessas situações podem buscar nas drogas uma “válvula de escape” para todos os seus sofrimentos e frustrações, uma saída para a realização, mesmo que instantânea, de seus desejos de felicidade, prazer e bem-estar. Não queremos generalizar, mas os riscos são reais, e amedrontam muitos brasileiros<sup>88</sup>. Não são poucos os jovens que se encontram nessa situação, e esses também são filhos e filhas de Deus, destinatários da Revelação e sujeitos na criação. Neles também a Igreja deposita sua esperança quando se refere aos jovens.

Diante das situações que envolvem as juventudes, não podemos ignorar as realidades referentes ao acesso aos meios de comunicação, em especial o uso da internet. As pesquisas atuais apontam a velocidade com que as novas gerações absorvem o uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Não podemos, portanto, deixar que “chavões” nivelem todas as juventudes, ignorando as diversidades que existem até mesmo nessa dimensão de suas vidas. A pesquisa da SNJ de 2013 sobre o perfil das juventudes brasileiras nos diz que 56% dos jovens utilizam a internet como meio para se informar sobre o que acontece no Brasil e no mundo. No que diz respeito a variável socioeconômica vemos que

---

<sup>87</sup> MILLEN, M. I. C.; MILLEN, J. C., *Drogas: interpelações à teologia moral*, In: PESSINI, L., RONALDO, Z., (orgs.), *Ética teológica e juventudes*, p. 219.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 219-220.

entre os mais ricos a internet figura em primeiro lugar: 73% dos jovens de alta renda acessam notícias via internet, ante 60% dos de renda média e 40% dos mais pobres. Neste quadro ainda temos significativas diferenças quando nos referimos aos locais de moradia (urbano e rural) e a cor/raça (brancos, pardos e negros)<sup>89</sup>.

Esses dados nos ajudam a entender que a utilização dos meios de comunicação também constitui um fator de diferenciação entre as juventudes. Não podemos simplesmente afirmar que “todos os jovens” estão inseridos no mundo das tecnologias e/ou das redes de comunicação. Também nessa dimensão da vida dessa geração existem diferenciações. Ressaltamos uma afirmação contida no documento *Civilização do Amor* que nos diz:

Esta revolução tecnológica provoca um forte impacto e influência nos adolescentes e jovens que a utilizam como parte de sua realidade cultural; para alguns de maneira construtiva e, para outros, cria uma dependência viciante que provoca um isolamento, falta de comunicação que não promove sua maturidade nas relações pessoais. Isto se converte em um fator agravante, tendo em conta que o uso da mesma recebe pouca orientação e acompanhamento crítico [...] é um mundo que precisa de maior aproximação para compreendê-lo e não somente julgá-lo de fora<sup>90</sup>.

Por fim, dentro deste quadro de estatísticas, alguns dados referentes à escravidão em nosso país. Segundo a campanha da fraternidade 2014 promovida pela CNBB,

No início de junho de 2012, a OIT estimou que as vítimas do trabalho forçado e exploração sexual chegam a 20,9 milhões de pessoas em todo o mundo. Essa pesquisa constatou que 4,5 milhões (22%) das vítimas são exploradas em atividades sexuais forçadas; 14,2 milhões (68%) em trabalhos forçados em diversas atividades econômicas; e 2,2 milhões (10%) pelo próprio Estado, sobretudo os militarizados. A pesquisa apontou ainda que mulheres e jovens representam 11,4 milhões (55%) das vítimas, enquanto 9,5 milhões (45%) são homens e jovens. Os adultos são os mais afetados: 15,4 milhões (74%). Os demais 5,5 milhões (26%) têm idade até 17 anos, o que evidencia a grande incidência do tráfico humano também entre crianças e jovens<sup>91</sup>.

Vemos o quanto jovens do mundo todo são atingidos por essa atitude desumana, de uma sociedade dita civilizada. Por conta do lucro, vidas são relativizadas, pessoas são tratadas como objetos que facilmente podem ser

<sup>89</sup> Cf. OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA JUVENTUDE, op. cit., p. 30-31.

<sup>90</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 69. Tradução nossa.

<sup>91</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Campanha da fraternidade 2014: fraternidade e tráfico humano*, n. 14-15.

descartados (cf. *EG*, n. 53). Dentre esses um grande percentual refere-se aos jovens que se encontram em situações de vulnerabilidade, que buscam e sonham com outras possibilidades para suas vidas e de seus familiares e, por isso, tornam-se presas fáceis de aliciadores no mundo do tráfico de pessoas.

Em nosso país, de acordo com o relatório apresentado pelo Ministério da Justiça em parceria com outros órgãos oficiais, referente ao perfil das vítimas de tráficos de pessoas e crimes correlatos, no ano de 2012, dentre 130 denúncias, 13 relacionava-se a crianças de 0 a 9 anos; 20 a adolescentes de 10 a 14; 52 a jovens de 15 a 29 anos e 45 a adultos acima de 30 anos estendendo-se a idade superior a 60 anos<sup>92</sup>. Trata-se de um número bem significativo de crianças, adolescentes e jovens que são vítimas da situação de vulnerabilidade na qual vivem. Vemos ainda que os “números do tráfico” apresentados pelos órgãos oficiais em nosso país são reduzidos, o que pode relativizar a situação, porém muitas pesquisas acerca do tema falam do medo que as vítimas têm em denunciar e sofrer retaliações<sup>93</sup>. São “gritos silenciados” pelo medo, onde o humano é subjugado pelo lucro, fazendo do tráfico de pessoas um dos mais rentáveis negócios de nossos tempos.

Não iremos nos alongar na apresentação da realidade em que vivem milhares de jovens brasileiros. Apenas sinalizamos alguns contextos que merecem ser considerados para bem pensarmos sobre essas pessoas. Na sequência daremos maior enfoque à violência cometida contra os jovens em nosso país, mirando-os como os crucificados de nossos tempos e o desafio nos quais nos lançam.

---

<sup>92</sup> Cf. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, *Relatório nacional sobre tráfico de pessoas*: dados de 2012, p. 20.

<sup>93</sup> De acordo com o texto base da campanha da fraternidade 2014 publicado pelo CNBB (n. 86-88) vemos que: “No Brasil, são passíveis de questionamento tanto a confiabilidade das estatísticas do tráfico de pessoas, quanto a abordagem da mídia em relação ao tema. Estima-se que os números disponíveis referentes às ações do tráfico não o retratem efetivamente, devido à clandestinidade da prática e às ameaças às vítimas, diretas e indiretas, o que gera relutância em denunciar. Dessa forma, compreendem-se os reduzidos números de Relatórios de processos referentes ao tráfico humano divulgado pelo Ministério da Justiça. Entre 2005 e 2011, foram instaurados 514 inquéritos pela Polícia Federal. Desses, 344 dizem respeito ao trabalho escravo e 13, ao tráfico interno de pessoas. No mesmo período, houve 381 indiciamentos, enquanto as prisões chegaram a 158.66. Configurar um sistema que permita concentrar dados estatísticos, relatórios, pesquisas e resultados do monitoramento das ações de enfrentamento, no sentido de estabelecer critérios claros quanto ao método de análise das informações e uma base de dados de disponibilidade nacional”.

### **3.2.2. Juventudes crucificadas na contemporaneidade**

Os dados estatísticos mostram que nossos jovens necessitam ser visibilizados pela sociedade, ter seus direitos reconhecidos e sua condição pensada por meio de políticas públicas que lhes ampare e crie condições para seu desenvolvimento autônomo. Essa demanda é recente nas políticas públicas do Brasil. A SNJ foi criada por sugestão de um grupo interministerial implementado em 2004, para fazer um diagnóstico das juventudes brasileiras e dos programas federais destinados a esse público, ou seja, é bastante recente. Também o Conjuve e o Projovem foram criados em junho de 2005 pela Lei 11.129. Para termos noção do quanto é recente a preocupação com as juventudes nas políticas públicas brasileiras, é só vermos que a juventude foi inserida na Constituição Federal por meio da Emenda 65 do ano de 2010, até então os jovens não eram tidos de maneira especificada em nossa Constituição. Somente em agosto de 2014, foi aprovado o Estatuto da Juventude, por isso ainda carece de maiores estudos dos órgãos responsáveis e dos próprios jovens, a título de conhecimento, aperfeiçoamento e prática das leis que foram aprovadas. Enfim, os jovens estão nas pautas das políticas públicas há pouco tempo e merecem espaço, devem ser levados a sério em seus direitos, em suas necessidades, para que tenham sempre mais condições de concretizarem sua autonomia e protagonismo em suas esperanças pessoais e sociais.

Não temos como aprofundar aqui todos os aspectos dessas realidades que envolvem os jovens e colaboram para a elaboração do termo “juventude” e para a organização das políticas públicas a eles relacionadas, mas queremos dar especial atenção àqueles que ainda hoje são vítimas de tantas injustiças sociais, desigualdades, racismos, indiferença, enfim, olharemos com mais atenção para os jovens “crucificados” em nosso país pela violência que lhes tira a vida precocemente e que por conta de muitas manipulações, assim como aconteceu com Jesus de Nazaré, são taxados por muitos como malfeitores, passando de vítimas a delinquentes, a simples infratores que pagam com a vida por seus erros. Poucos se interessam verdadeiramente pela vida de muitas juventudes brasileiras, poucos estão ao seu lado nos becos e vielas das pequenas e grandes cidades,

grande índice de nossa população, que em sua maioria é declarada cristã, trata-os como marginais e causa da violência no país.

O santo padre, o Papa Francisco, nos alerta que “em cada irmão e irmã em dificuldade, nós abraçamos a carne sofredora de Cristo”<sup>94</sup>. Cada pessoa vítima da violência é um chamado de Cristo para que sejamos essa Igreja Mãe e Pastora da qual o Pontífice nos fala, um chamado para nos colocarmos em saída para encontrarmos nossos irmãos e irmãs lá onde se encontram, onde clamam por socorro. A Igreja nos orienta a ir ao encontro de Cristo que sofre nas ruas, vielas e becos de nossas cidades, são situações que exigem da sociedade inteira um ato de coragem, é necessário enfrentar esses problemas, é necessário acompanhar os jovens que estão em dificuldades, dando-lhes esperança de futuro. Eis que: “Precisamos todos olhar o outro com os olhos de amor de Cristo, aprender a abraçar quem passa necessidade, para expressar solidariedade, afeto, amor”<sup>95</sup>. Os cristãos não podem se manter indiferentes diante de tantas realidades de sofrimento, tortura e morte das juventudes, a Igreja pede que se empenhem todos na antecipação do Reino, e isso não se dará se essa mesma Igreja não tiver a coragem de ir ao encontro dos que diariamente são vítimas da violência e também promovem a violência.

O Brasil, segundo dados do ano de 2010, está em 8º lugar no *ranking* mundial de homicídios contra jovens na idade de 15 a 29 anos, matando 54,6 jovens para cada 100 mil de seus habitantes. Referindo-se aos jovens de 15 a 24 anos, entre os anos de 2008 e 2011, no Brasil tivemos um total de 206.005 vítimas de homicídios, número superior aos doze maiores conflitos armados acontecidos no mundo entre 2004 e 2007 que ocasionaram diretamente 169.574 vítimas. Este número de homicídios resulta quase idêntico ao total de mortes diretas nos sessenta e dois conflitos armados desse período, que foi de 208.349 vítimas<sup>96</sup>.

Damos ênfase a essa realidade porque está diretamente relacionada a nosso foco: juventudes e esperança. Que esperança podem ter jovens que precocemente são assassinados? Que empenho por uma vida melhor podem ter esses jovens brasileiros que estão cercados pelo medo de morrer cedo e de maneira tão

---

<sup>94</sup> FRANCISCO, *Visita ao hospital São Francisco de Assis na Providência de Deus, discurso do santo padre*, 24 de julho de 2013, In: *Palavras do papa Francisco no Brasil*, p. 30.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>96</sup> Esses dados estão disponíveis em maiores detalhes na preliminar do Mapa da Violência 2014 (p. 60s) e no Mapa da Violência 2013 (p. 21s). Ambos são de autoria de Waiselfisz, J.J.

violenta, e pelo medo de perder pessoas próximas pelas mesmas causas? Poderíamos adentrar em outras estatísticas referentes a mortes por acidente ou suicídio, mas nos deteremos nos homicídios, por se tratar de uma violência extrema que vem crescendo no país. No entanto, o fato é que a morte povoa as narrativas de um número significativo de jovens brasileiros, menos de 30% deles morrem de mortes consideradas naturais, enquanto que na população não jovem esse percentual é de mais de 90%.

Diante desses dados, nos perguntamos acerca da violência que assombra nossa sociedade e aqui dizemos diretamente de muitas de nossas juventudes. Para M. M. Coelho,

[...] violência é o uso de palavras ou ações que provocam ferimentos, traumas, sofrimentos, torturas ou mortes. Conforme o Dicionário de Bioética, violência é “qualquer ação externa contrária à vontade que o homem tem de ser e de se realizar. A violência, ao não reconhecer o outro como pessoa, fere-o na sua dignidade específica [...]”<sup>97</sup>.

Nossos jovens são diariamente feridos em sua dignidade, em seu direito a vida plena. Com P. F. Dalla-Déa<sup>98</sup> evocamos o desejo de Deus sobre todas as juventudes, fazemos memória de textos bíblicos que claramente nos revelam que o Deus cristão é o Deus da vida, o Deus da esperança, o Deus da liberdade. Diante do sacrifício que Abraão quisera fazer de seu filho Isaac, para satisfazer aquilo, que em sua experiência perante os deuses pagãos, seria a vontade de YHWH, vemos o anjo de Deus manifestar-se a favor da vida impedindo tal sacrifício. Isaac fora libertado da morte, Abraão fora purificado em sua maneira de ver a Deus, e a vida teve a última palavra (cf. Gn 22, 1-18). Nos tempos atuais muitos são os “Isaacs” sacrificados a falsos deuses. Milhares de jovens são violentados e sacrificados em nome do capital, em nome do lucro, em função de desigualdades sociais que levam muitos para caminhos de desespero e morte. Segundo o documento *Civilização do Amor* produzido pelo CELAM,

A violência juvenil é produto de uma série de interações sociais, entre as quais, está a pobreza. Porém, a pobreza é unicamente um dos múltiplos fatores. As desigualdades são fatores das tensões sociais e, dentro delas, uma vez que a

<sup>97</sup> COELHO, M. M., *Violência: interpelações à teologia moral*, In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, L. (orgs.), *Ética teológica e juventudes*, p. 251.

<sup>98</sup> O artigo que fundamenta essa reflexão foi escrito por Paulo Fernando Dalla-Déa, intitulado como: “*Uma interpretação teológica da violência contra a juventude nos tempos atuais*”. O mesmo está disponível na REB (Revista Eclesiástica Brasileira), fasc. 271, julho 2008, p. 633-652.

violência está na estrutura da organização da sociedade, muitos são prisioneiros, sem nada para viver. Constata-se a violência praticada de modo planejado por um sistema que oferece políticas públicas de baixa qualidade para a maioria da população, entre elas a juventude; não se trata da relação causa e efeito ou de uma análise simplista do fenômeno. Estamos frente a um tema complexo que está incidindo, em um paulatino aumento, entre os jovens [...]. Mais que violentos, é evidente que as juventudes são violentadas, uma verdade que a sociedade não quer aceitar<sup>99</sup>.

Múltiplas realidades levam a morte significativo número de nossos jovens. Aqui nos referimos a diversas violências e diversas mortes, desde a física até a simbólica. Mortes que matam não somente o corpo, mas também os sonhos, o presente e o futuro de muitas juventudes. Acreditamos que não é algo que queiram as juventudes, mas que são levados a isso por uma sociedade movida pelo lucro. Levantamos muitos fatores responsáveis por esses atos como os fatores psicológicos, familiares, econômicos e socioculturais. Receber tais situações como herança é um sofrimento indescritível<sup>100</sup>. A Igreja, nas palavras do Papa Francisco, tem consciência de que esse quadro carece de mudanças sociais profundas para que possa reverter-se. O Pontífice nos diz que:

Nenhum esforço de “pacificação” será duradouro, não haverá harmonia e felicidade para uma sociedade que ignora, que deixa à margem, que abandona na periferia parte de si mesma. Uma sociedade assim simplesmente empobrece a si mesma; antes, perde algo de essencial para si mesma<sup>101</sup>.

Para Z. E. V. García a violência contra os jovens tem múltiplas expressões, dentre as quais inclui a violência auto infligida, a violência interpessoal e a violência coletiva. Todas essas violências se nutrem das diversas formas de exclusão social e simbólica que afligem os jovens, como a desigualdade de oportunidades, a falta de acesso ao emprego e a salários dignos, a desfiliação institucional, as lacunas entre o consumo simbólico e o consumo material, a segregação territorial, a ausência de espaços públicos de participação social e política e o aumento da informalidade<sup>102</sup>. Essas situações de morte física e/ou simbólica não podem ser taxadas como consequências das escolhas feitas pelos jovens. Não podemos chamar de escolha aquilo que se adere por imposição ou por

<sup>99</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 85. Tradução nossa.

<sup>100</sup> Cf. Ibid., n. 86.

<sup>101</sup> FRANCISCO, *Visita a comunidade de Varginha (Manguinhos) discurso do santo padre*, 25 de julho de 2013, In: *Palavras do papa Francisco no Brasil*, p. 39.

<sup>102</sup> Cf. GARCÍA, Z. E. V., *Situaciones de los jóvenes en América Latina y el Caribe: tendencias, oportunidades y un modelo por desarrollar*, In: *Revista Medellín*, 144 (2010), p. 561.

consequência de inúmeras situações, desde as psicológicas até as sociais, que afetam esses jovens desde a mais tenra idade. Ousamos dizer que são tolhidos de liberdade, logo não fazem escolhas, sofrem com atos que são externos a eles próprios. Não queremos com essa reflexão isentar os jovens de suas responsabilidades e compromissos, mas despertar para a urgência em serem olhados como seres humanos repletos de direitos a serem respeitados, para que tenham condições de cumprir com seus compromissos perante a sociedade. A violência com que são tratados em sua maioria refletirá violência em suas vidas pessoais e na sociedade<sup>103</sup>. Apontamos também uma das percepções da Igreja mediante essa situação:

Queria dizer-lhes também que a Igreja, “advogada da justiça e defensora dos pobres diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clama ao céu” (Documento de Aparecida, 395), deseja oferecer a sua colaboração em todas as iniciativas que signifiquem um autêntico desenvolvimento do homem todo e de todo o homem. [...] Não existe verdadeira promoção do bem comum, nem verdadeiro desenvolvimento do homem, quando se ignoram os pilares fundamentais que sustentam uma nação, os seus bens imateriais: a *vida*, que é dom de Deus, um valor que deve ser sempre tutelado e promovido; a *família*, fundamento da convivência e remédio contra a desagregação social; a *educação integral*, que não se reduz a uma simples transmissão de informações com o fim de gerar lucro; a *saúde*, que deve buscar o bem-estar integral da pessoa, incluindo a dimensão espiritual, que é essencial para o equilíbrio humano e uma convivência saudável; a *segurança*, na convicção de que a violência só pode ser vencida a partir da mudança do coração humano<sup>104</sup>.

Vemos que os cristãos, neste caso os católicos, estão comprometidos com as causas das juventudes, com a promoção e o cuidado da vida de todos aqueles que são vítimas da violência, sendo massacrados e também sendo promotores de massacres tantas vezes já resultantes de uma gama de injustiças que os aflige ao longo da vida. Manter-se indiferente diante dessa situação é manter-se indiferente diante do evangelho, é deixar de alimentar, vestir, visitar, acolher, o próprio Cristo que está em cada um daqueles que diariamente são crucificados em nossa sociedade, pois:

[...] Jesus com sua Cruz percorre nossas ruas e carrega nossos medos, nossos problemas, nossos sofrimentos, também os mais profundos. Com a Cruz, Jesus se une ao silêncio das vítimas da violência, que já não podem gritar, sobretudo os inocentes e os indefesos; com a Cruz, Jesus se une às famílias que estão em

<sup>103</sup> Cf. KOEHLER, S. M. F., *Juventude, juventudes e violência: caos e esperança*, In: PESSINI, L.; ZACHARIAS, L. (orgs.), *Ética teológica e juventudes*, p. 164.

<sup>104</sup> FRANCISCO, op. cit., p. 40-41.



dificuldade, e que choram a trágica perda de seus filhos [...]. Com a Cruz Jesus se une a todas as pessoas que passam fome, em um mundo que, por outro lado, se permite o luxo de jogar fora a cada dia toneladas de alimentos. Com a Cruz, Jesus está junto a tantas mães e pais que sofrem ao ver seus filhos vítimas de paraísos artificiais, como a droga. Com a Cruz, Jesus se une a quem é perseguido por sua religião, por suas ideias, ou simplesmente pela cor de sua pele; na Cruz, Jesus está junto a tantos jovens que perderam sua confiança nas instituições políticas, porque veem o egoísmo e a corrupção, ou que perderam sua fé na Igreja, e até mesmo em Deus [...]. Na Cruz de Cristo está o sofrimento, o pecado do homem, também o nosso, e Ele acolhe tudo com os braços abertos, carrega nas costas nossas cruces e nos diz: “Coragem! Não a levas sozinho. Eu a levo e eu venci a morte e vim para te dar a esperança, para te dar vida” (cf. Jo 3,16)<sup>105</sup>.

Nossas juventudes não carregam sozinhas suas cruces, é Cristo quem caminha com cada um, é Cristo quem leva com eles a cruz de cada dia, e que convida sua Igreja a estar ao lado de cada um. Muitos vivem em situações perversas, onde pagam um alto preço por ser quem são, pela condição econômica, pela cor de pele, pela orientação sexual, e por tantos outros fatores que os tornam alvos de discriminação e intolerância. Poderíamos percorrer ainda outros meandros referentes à violência que assombra nossos jovens. Dizer que a violência tem cor e gênero não é algo fútil ou dispensável em nosso país. O índice de jovens negros assassinados em 2002 era de 79,9 e sobe para 168,6 em 2012 para cada 100 mil jovens, assim para cada jovem branco que morreu assassinado neste ano, morreram 2,7 jovens negros<sup>106</sup>. Junto deles fazemos menção ainda aos jovens pertencentes à comunidade LGBT. Segundo os dados do relatório sobre a violência homofóbica no Brasil de 2012 61,16% dos registros que constam a idade da vítima corresponde a jovens entre 15 e 29 anos de idade, sendo que 35,48% dos homicídios também cometidos contra jovens desta mesma faixa etária<sup>107</sup>.

Temos muitas oportunidades de aprofundar esses dados nas pesquisas que constantemente são realizadas e disponibilizadas ao público. No entanto, não pretendemos que sejam apenas dados estatísticos, mas uma chamada para todos os cristãos. Novamente lançamos mão do artigo de P. F. Dalla-Déa para dizer que Jesus demonstrou em suas ações o desejo de dar vida aos jovens. Ressuscitou a

<sup>105</sup> FRANCISCO, *Via-sacra com os jovens, palavras do santo padre*, 26 de julho de 2013, In: *Palavras do papa Francisco no Brasil*, p. 64-65.

<sup>106</sup> Cf. WAISELFISZ, J.J., op. cit., p. 133.

<sup>107</sup> Cf. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil 2012*, p. 26 e 50, Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>, Acesso em: 10 nov. 2014.

filha de Jairo (cf. Mc 5,21-24.35-43), chamou à vida o filho da viúva de Naim (cf. Lc 7,11-17), a ambos convidou a se levantar, a viver, a não deixar que a morte tivesse a última palavra em pleno desabrochar da vida. Jesus foi a esperança de vida realizada para esses jovens das narrativas bíblicas, ele aproximou-se de cada um e tirou-lhes da situação de morte. Cremos que essa seja uma das missões dos cristãos de hoje, aproximar-se da vida dos jovens, de seus mundos, e em chamar-lhes a vida, dar-lhes condições para se colocarem em pé e enfrentarem as situações de morte que diariamente lhes assombra. Não queremos cristãos que pregam a acomodação diante de tais realidades na promessa de um dia encontrarem o “céu”, queremos cristãos que falem da verdadeira esperança para esses jovens, que lhes ajudem a ter condições de buscar seus direitos e começar a viver o Reino já nesta terra, com vistas sim a plenitude nos céus! Para tanto precisamos de cristão com coragem de doar-se pela justiça, justiça que trará a paz e derrubará a violência. Sabemos que:

A justiça é um elemento importante para conter a violência; inclusive é um dos temas centrais do movimento bíblico, pois é a partir da justiça que Deus deseja reconstruir a humanidade sem o componente da violência: “a justiça produzirá a paz e o direito assegurará a tranquilidade” (Is 32, 17)<sup>108</sup>.

Logo, nossas juventudes não necessitam apenas de discursos morais ou teologais para enfrentar e superar suas condições de vítimas e vitimizadores, precisam de uma “Igreja em saída” (cf. *EG*, n. 20), que se coloque junto de suas realidades, os acolha e os ajude a serem protagonistas de suas vidas na luta por seus direitos de vida e vida em abundância. Na sequência veremos um pouco o perfil dessa Igreja que nossas juventudes necessitam perto de si.

### **3.2.3. Juventudes, sacramentos de esperança**

Nossos jovens, formando as mais diversificadas juventudes, aqueles e aquelas que nossa Igreja aponta como sacramentos de esperança, são diariamente dizimados, vitimizados e em muitos casos invisibilizados em seus sofrimentos. Lembramos que nossa nação é majoritariamente cristã. A soma de católicos e

<sup>108</sup> COELHO, M. M., op. cit., p. 261.

evangélicos corresponde a 86,8% da população brasileira<sup>109</sup>. Por isso, nos perguntamos o que nossa Igreja e nossas pastorais têm apresentado como esperança a essa geração?

Os números apresentam uma realidade preocupante. Jovens, principalmente, negros, pobres e homoafetivos, são assassinados diariamente em nosso país. Sabemos ainda que a grande maioria dos encarcerados são jovens negros, pobres e sem acesso à educação<sup>110</sup>. Enfim, existe uma messe abandonada (cf. Mt 9,35s) no que diz respeito às realidades juvenis de nosso país. O CELAM reconhece essa realidade entre as juventudes e afirma:

Do ponto de vista das condições de exclusão, materiais e simbólicos, que em grande parte subjaz ao fenômeno, a violência também organiza a vida de muitos jovens pobres que passam a fazer parte de grupos de chamadas gangues, quadrilhas, bandos, que lutam por um espaço nas cidades. A integração a organizações ou redes de tráfico de drogas, delinquência juvenil, que como um câncer, cresce como opção entre os jovens, escurecendo suas vidas e levando-os para um abismo sem esperança, sem futuro [...] Não é algo que as juventudes queiram; são levados a isso por uma sociedade movida pelo lucro<sup>111</sup>.

Diante de tudo isso nos perguntamos: qual esperança sustenta pessoas que cronológica e fisicamente poderiam ter suas vidas estendidas por vários anos, e as vemos esvaindo-se precocemente? É possível falar de sonhos para meninos e meninas que se suicidam, que não encontram sentido no presente e tão pouco no futuro? Onde está o sucesso das ofertas globais do status, da conexão, dos meios de comunicação, do consumo, do imediatismo, do corpo perfeito e até mesmo da eterna juventude? Sentimo-nos incomodados ao perceber que nossos jovens são alimentados por uma desesperança que leva a falta de sentido, a falta de sonhos, a falta de desejo de continuar vivendo.

Temos aí a urgência de uma Igreja que se coloque ao lado dos jovens para conhecer suas realidades e ajudá-los em seu protagonismo dentro das dimensões que atingem seu contexto. O simples combate de quem está de fora possivelmente

<sup>109</sup> Cf. TEIXEIRA, F., *O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação*, In: TEIXEIRA, F., MENEZES, R. (orgs.), *Religiões em movimento, o censo de 2010*, p. 24.

<sup>110</sup> A pesquisa pode ser aprofundada no portal do governo acerca do sistema prisional brasileiro, disponível em: <http://portal.mj.gov.br/main.asp?View=%7BD574E9CE-3C7D-437A-A5B6-22166AD2E896%7D&Team=&params=itemID=%7BC37B2AE9-4C68-4006-8B16-24D28407509C%7D;&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>.

<sup>111</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 86. Tradução nossa. A respeito dessa afirmação podemos buscar em Z. Bauman outros aspectos que podem colaborar com nossa reflexão. Z. Bauman, em sua obra *Vidas desperdiçadas*, afirma ser uma sequela da modernização a produção de seres humanos residuais ou “excedentes”, próprios para o descarte mercadológico.

não somará na aproximação entre as diferentes gerações. Vemos que a Igreja busca fazer o caminho de aproximação mesmo com tantos espaços que ainda precisam ser ocupados entre os jovens. Estamos diante de uma realidade que desafia a Igreja a tornar-se sempre mais próxima das juventudes, que busque compartilhar suas realidades, esperanças, lutas e medos. Enfim, precisamos de uma Igreja sempre mais pronta a assumir suas próprias escolhas, como a que fez e publicou na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração (GS, n. 01).

A *Gaudium et spes* nos confirma em nosso caminho de conhecimento das realidades nas quais estão inseridas as juventudes contemporâneas. Não podemos ratificar posturas que favoreçam o distanciamento entre adultos e juventudes. No documento *Civilização do Amor* encontramos essa preocupação por parte daqueles que pensam a atuação da Igreja junto aos jovens, eles nos dizem que: “Entrando no mundo pastoral, nos damos conta que, a distância entre evangelizador e evangelizando, entre educador e educando, entre o mundo adulto e o mundo jovem, produzem sérias lacunas [...]”<sup>112</sup>.

Não podemos nos esquecer de que Jesus, o Emanuel, o Deus conosco, fez caminho no chão da história, percorreu cidades e aldeias, esteve em contato com a realidade de seu povo, olhou-os com compaixão e manifestou ao mundo os desígnios do Pai (cf. Mt 9,35s). Somos convidados a olhar para Jesus e com ele aprender a estar com o povo, a estar com as juventudes, a ver os jovens a partir de suas vidas e dessas realidades firmarmos nossos compromissos com as novas gerações<sup>113</sup>. Não podemos ignorar que aqueles e aquelas que são chamados ao protagonismo de cocriadores, que são para a Igreja lugar e realidade teológica, enfrentam realidades duras que os números nem sempre revelam. Nesse contexto emergem os rostos das juventudes, sobre os quais citamos o que diz a conferência dos bispos latino-americanos:

São rostos de jovens trabalhadores com poucas possibilidades de melhorar seus salários; de jovens encarcerados, fruto de um círculo de vida incerta; de jovens

<sup>112</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 11. Tradução nossa.

<sup>113</sup> Cf. Ibid., n. 30.

estudantes em sistemas educacionais, cuja formação muitas vezes não responde aos “parâmetros competitivos” de hoje. São rostos de jovens urbanos que, todos os dias, vivem a incerteza de ser deixados de lado nas instituições que oferecem possibilidades para construir sua identidade; rostos de jovens que são vítimas da violência (DP 33-38) e do extermínio, de uma cultura consumista provocada pelos meios de comunicação social que os manipula a satisfazer as necessidades, a desfrutar as coisas com abundância, a estar na moda para ser aceitos. São jovens envolvidos pelo hedonismo, com uma conotação imprevisível; são rostos enlutados daqueles que caíram no emaranhado das drogas que lhes cria uma dependência psíquica e biológica, sem possibilidades de poder sair delas porque fizeram delas sua vida. São jovens feridos pelas crises familiares e pela ausência de modelos matrimoniais verdadeiros. São jovens que, confusos em sua identidade sexual, não realizam um processo sereno de formação integral na afetividade. São jovens que se sentem marginalizados pelas dificuldades do acesso às redes sociais e ao mundo da comunicação. São jovens que sofrem pela falta de modelos de lideranças significativos para a construção de seu projeto de vida<sup>114</sup>.

As pesquisas nos mostram uma diversidade de realidades que proporcionam grandes diferenciações entre os jovens, confirmando assim que não podemos pensar que uma mesma geração seja composta por grupos homogêneos, mas trata-se realmente de diversas juventudes. Os aspectos apresentados até aqui demonstram um pouco do contexto em que vivem os jovens em nosso país. Não esgotamos essa realidade, mas apontamos para a importância de conhecer o universo no qual vivem nossas juventudes para bem compreendê-las. O documento 85 da CNBB afirma que “conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los”<sup>115</sup>, o que exige estar em suas realidades. Precisamos assumir o olhar de Cristo e entender que:

Deus e os santos escutam o grito dos pobres, e não se pode escutar bem a Deus se, com Ele não se escuta a voz dos pobres, dos necessitados, dos sofredores, dos oprimidos, dos marginalizados, dos desprezados, dos miseráveis, dos excluídos, dos escravos do ódio, do rancor, da violência. “Deu-me o Senhor Deus uma língua habilidosa para que os desanimados eu saiba ajudar com uma palavra. Toda manhã

<sup>114</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 56. Tradução nossa. Com relação as realidades enfrentadas pelas juventudes aconselhamos a leitura dos números 53 a 119 do texto em questão. Ele nos dá um panorama sobre a realidade juvenil na América Latina trazendo à tona muitas situações que colaboram no processo de discriminação juvenil e acentuam as dificuldades e desafios enfrentados no cotidiano. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) também ratifica as afirmativas provenientes do CELAM ao reconhecer no documento 85, – sobre a Evangelização da juventude – destacando o n. 32 que: “[...] problemas com os quais se deparam, hoje, os jovens brasileiros: a disparidade de renda; o acesso restrito à educação de qualidade e frágeis condições para a permanência nos sistemas escolares; o desemprego e a inserção no mercado de trabalho; a falta de qualificação para o mundo do trabalho; o envolvimento com drogas; a banalização da sexualidade; a gravidez na adolescência; a AIDS; a violência no campo e na cidade; a intensa migração; as mortes por causas externas (homicídio, acidentes de trânsito e suicídio); o limitado acesso às atividades esportivas, lúdicas culturais e a exclusão digital”.

<sup>115</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Evangelização da juventude, desafios e perspectivas pastorais*, n. 1.

ele desperta meus ouvidos para que, como bom discípulo, eu preste atenção” (Is 50,4-5)<sup>116</sup>.

Não podemos negar que nossas juventudes retratam inúmeras faces da pobreza como consequência das realidades contemporâneas que as assombram. No entanto, sabemos que a humanidade enferma só será curada se lhe dermos um voto de confiança, se assumirmos nossa condição de “curadores feridos”, se formos pessoas empenhadas em conhecer e compreender as realidades juvenis, em enxergar a realidade a partir de seus diferentes ângulos e matizes, buscando um diálogo honesto que nos coloque diante de Deus, de nós mesmos e dos outros com nossas debilidades e fraquezas, sem estarmos no papel de juízes imbatíveis diante das novas gerações. Nossos jovens necessitam de respostas amorosas, de ombros fortes e acolhedores e de apontamentos de caminhos iluminados pela esperança. Esse é um trabalho para os que amam de verdade a vida e as pessoas e não se contentam com teorias justificatórias que acalmam as consciências dos que não se deixam tocar pelas dores e paixões se seu próximo<sup>117</sup>.

Após esse percurso queremos olhar com maior intensidade as tendências que emergem na nova geração, quais consequências essas realidades despertam na vida de nossas juventudes e quais atitudes podemos assumir diante de tais situações. Contaremos com a análise de alguns pesquisadores acerca da temática, em especial de João Batista Libanio.

### **3.3. Tendências juvenis na contemporaneidade**

Mediante alguns aspectos da realidade que contemplamos no tópico anterior, nos unimos às pesquisas de João Batista Libanio, para nos perguntar: para onde vão as juventudes? Quais as tendências que emergem nessa nova geração, por muitos já determinada como “nem-nem”<sup>118</sup>, ou seja, jovens que nem estudam e nem trabalham? Existe possibilidade de diálogo entre a geração contemporânea e a Tradição de nossa Igreja? É possível a convergência de

<sup>116</sup> MILLEN, M. I. C.; MILLEN, J. C., op. cit., p. 242.

<sup>117</sup> Cf. Ibid., p. 242-246.

<sup>118</sup> Na pesquisa realizada pela Secretaria Nacional da Juventude (p. 55) aparece um contingente significativo de jovens que não estão nem estudando, nem trabalhando, representando ¼ dos jovens pesquisados (26%).

esperanças? Na obra *Civilização do Amor* temos a seguinte afirmação acerca do tema:

É fundamental que conheçamos o mundo no qual desejamos levar a Boa Nova [...] Olhar a realidade juvenil, e está em seu entorno, é o primeiro passo para que Deus e a juventude sejam percebidos com maior nitidez [...] O olhar para a realidade deve acontecer desde as ciências que são aportes externos, porém orientada pelo enfoque do interior de nossa experiência de Igreja e nossos princípios teológicos; deve perceber-se a totalidade do que sucede sem perder o foco, em nosso caso: a juventude [...]. Trata-se de ver os desafios e as ameaças, as fortalezas e as debilidades, a partir da ótica de Deus<sup>119</sup>.

Não podemos nos esquecer de que nossas juventudes refletem as realidades que os cercam, que são fortemente influenciados pelos conceitos que alimentamos a seu respeito, tornando-se muitas vezes reprodutores de realidades sociais já impostas por gerações anteriores. Nossos jovens, mesmo com o peso de serem “super-heróis” são atingidos pelo medo que nasce de tantas exigências e realidades que os cercam. Segundo o documento 85 da CNBB,

Destacam-se três marcas da juventude na atualidade: o “medo de sobrar, por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente, por causa da violência, e a vida em um mundo conectado, por causa da Internet?”. O sentido e a dureza dessas marcas anseiam por uma Boa Notícia que, a partir de um olhar de fé, pode ser encontrada no interior da própria juventude<sup>120</sup>.

Para que a Igreja seja portadora da Boa Notícia, da verdadeira esperança que pode dar vida plena as diversificadas juventudes, ela precisa não apenas conhecer as realidades que cercam os jovens, mas também ver as tendências que emergem em meio a tais contextos.

Na sequência faremos esse percurso, apontando para as juventudes e as religiões no Brasil, destacando o que desenvolveu João Batista Libanio sobre as tendências juvenis na contemporaneidade e por fim enfatizaremos a linguagem das juventudes cristãs, especialmente católicas no seu relacionamento com Jesus Cristo. Lembramos que essas tendências são frutos de realidades pessoais e coletivas que merecem sempre mais serem conhecidas por aqueles que acreditam serem as juventudes sua esperança e querem testemunhar-lhes sempre mais a esperança cristã, pois a esperança acontece na história da humanidade, a esperança por excelência fez-se carne, num corpo e numa história.

<sup>119</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 4. Tradução nossa.

<sup>120</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, op. cit., n. 34

### 3.3.1. Juventudes e religião no Brasil

Prosseguiremos enfocando a temática juventudes e religião, por considerar importante que se saiba que nossas juventudes não podem ser taxadas como incrédulas ou simplesmente contrárias às religiões. Os assuntos que compõem o referido tema são por demais vastos, por isso abordaremos os seguintes pontos: como os jovens de hoje se relacionam com a religião; estratégias que as instituições religiosas acionam para atrair e congregar os jovens; e as consequências das experiências religiosas no meio juvenil. Contrariando alguns jargões, os dados estatísticos e outras pesquisas das ciências sociais nos mostram que as juventudes estão fortemente inseridas no meio religioso de nosso país, isso fica evidente quando tomamos por base o Censo IBGE 2010, cujos números mostram uma realidade científica que contradiz alguns pensamentos e afirmações do senso comum no que diz respeito à juventude e a religião.

Mesmo que o “ser religioso” das juventudes não ocorra dentro dos moldes tradicionais que muitos esperam, está presente na sociedade em suas mais diversas manifestações, ou seja, perpassando suas realidades familiares, educacionais, culturais, políticas e até mesmo perpassando seus conceitos acerca de temas como saúde e sexualidade. As igrejas das mais variadas denominações vêm investindo suas forças na realidade juvenil. Por muitos vieses empenham-se em atrair esses grupos para si, tornando-se espaços em que as juventudes possam manifestar-se sob os aspectos de sua fé, de seus sonhos, de sua cultura, e assim por diante. Da mesma maneira o aspecto religioso perpassa a realidade jovem, seja em suas ideologias, manifestações políticas, buscas pessoais, e muitos outros aspectos.

Como vimos, a sociedade depara-se com a multiplicidade de alternativas conceituais em torno do termo juventude, o que de imediato gera tensões, pois desmitifica a homogeneidade com a qual os jovens são tratados em sua maioria. Obrigatoriamente surge a necessidade de ampliar a visão sobre o tema e possibilitar que as diversas expressões juvenis sejam reconhecidas na sociedade como fenômenos próprios das juventudes, mesmo que não sejam padrões seguidos por todos os que se encaixam na faixa etária que tradicionalmente aponta para tal grupo.



Seguindo algumas pesquisas acerca do tema, é pertinente afirmar que as juventudes hoje não podem ser consideradas grupos que não aderem a alguma manifestação espiritual ou mesmo religiosa. Segundo S. Rodrigues, “estudos apontam as transformações ocorridas na adesão religiosa da juventude brasileira nas últimas décadas confirmam o fenômeno da desinstitucionalização religiosa”<sup>121</sup>, o que não significa que os jovens brasileiros possam ser rotulados como grupos apáticos no que diz respeito a religiosidade. De acordo com a pesquisa apresentada na revista *Religare*, com fontes na pesquisa ‘Perfil da Juventude Brasileira’, realizada em 2005, a maioria dos jovens brasileiros afirmam ter algum tipo de experiência religiosa e apenas 1% dos jovens de 15 a 24 anos declararam ser ateus ou agnósticos<sup>122</sup>. Este número se repete na pesquisa realizada pela Secretaria Nacional da Juventude e publicada na Agenda Juventude Brasil 2013, ou seja, apenas 1% dos jovens de 15 a 29 anos se declaram ateus ou agnósticos e 15% declaram-se crentes, porém sem pertencer a uma ou outra religião, sendo que mais de 80% assumem pertencer a uma religião<sup>123</sup>.

Esses dados são reforçados na pesquisa apresentada por F. Teixeira, onde, de acordo com o censo 2010, apenas 8% da população brasileira afirma não ter religião<sup>124</sup>, o que permite concluir, que grande parte das juventudes brasileiras assumem participar das mais variadas possibilidades de manifestação religiosa. Quando os dados apontam para estatística dos sem religião, não necessariamente esteja se reportando a ateus e agnósticos, pois como foi dito anteriormente, a tendência a desinstitucionalização é uma realidade recorrente principalmente entre os jovens, o que não é sinônimo de não aderir a alguma religiosidade<sup>125</sup>. F. Teixeira nos lembra das constatações de P. Sanchis<sup>126</sup> e afirma:

<sup>121</sup> RODRIGUES, S., *Jovens, experiência do sagrado e pertencimento religioso: um olhar sobre a literatura*, p. 5.

<sup>122</sup> Cf. RABELO, C., *A juventude e as religiões minoritárias*, p. 14.

<sup>123</sup> Cf. OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA JUVENTUDE, op. cit., p. 20.

<sup>124</sup> Cf. TEIXEIRA, F., *O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação*, In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R., *Religiões em movimento, o censo de 2010*, p. 27.

<sup>125</sup> Sobre a temática ver a entrevista concedida por Solange Ramos de Andrade a IHU, *Vitalidade e criatividade, as marcas da religiosidade do povo brasileiro*, 05/01/2012, Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4737&secao=407](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4737&secao=407), Acesso em: 19 nov. 2014.

<sup>126</sup> As constatações estão apresentadas no prefácio do livro *Religiões em movimento*, o censo de 2010 publicado pela Editora Vozes no ano de 2013 e organizado por Faustino Teixeira e Renata Menezes.

[...] destacam-se a emergência do indivíduo e a crescente desinstitucionalização. [...] o universo das experiências religiosas deixa de ser regido por estruturas sólidas e reguladoras, tornando-se mais fluido, pontuado agora por relações menos totalizantes entre os fiéis e as instituições religiosas de pertença. Fica assim, cada vez mais difícil, a afirmação rígida das declarações de pertença religiosa [...] <sup>127</sup>.

A diversidade religiosa, segundo F. Teixeira ainda “acanhada”, devido ser o cristianismo 86,8% dos que se declaram pertencentes a uma religião, não impede o trânsito entre as religiões e principalmente dentro da própria religião, como acontece com o cristianismo entre católicos e evangélicos e entre as próprias igrejas evangélicas <sup>128</sup>, é um fato que atinge a toda a sociedade e não apenas as juventudes. S. Andrade fala-nos de um profundo pluralismo religioso e de profunda crise dos modelos institucionais das denominações religiosas tradicionais. Para a pesquisadora,

O pluralismo religioso significa a coexistência de diferentes formas de expressão religiosa no mesmo espaço social e é visível quando observamos que existe uma maior mobilidade entre as manifestações religiosas e multiplicam crenças subjetivadas que as instituições religiosas não têm mais como controlar, pois paulatinamente perderam o poder de controlar o espaço público onde proliferam <sup>129</sup>.

A pesquisadora R. Novaes, em seu artigo “Juventude, religião e espaço público”, nos mostra o quanto a afirmação de S. Andrade está em consonância com as realidades juvenis. A autora nesse artigo nos dirá dos jovens e de suas mais variadas manifestações religiosas expressas em seu cotidiano, como por exemplo, nas redes sociais <sup>130</sup> e nas músicas elaboradas e cantadas por grupos de

<sup>127</sup> TEIXEIRA, F., op. cit., p. 22.

<sup>128</sup> Cf. CAMURÇA, M. A., *O Brasil religioso que emerge do censo 2010: consolidações, tendências e perplexidades*, In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (orgs.), *Religiões em movimento, o censo de 2010*, p. 70-71.

<sup>129</sup> ANDRADE, S. R., *Vitalidade e criatividade: as marcas da religiosidade do povo brasileiro*, 05/11/2012, Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4737&secao=407](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4737&secao=407), Acesso em: 19 nov. 2014.

<sup>130</sup> Também S. Rodrigues, em entrevista ao Instituto *Humanitas Unisinos*, nos fala de como os meios de comunicação podem ser vieses da religiosidade: “A proximidade com a tecnologia é uma das marcas geracionais dos jovens de hoje, mesmo que pesem as diferenças de acesso: enquanto uma parcela dos jovens brasileiros dispõe de computador em casa com acesso à internet em banda larga, às vezes com uma máquina para cada membro da família, outros dependem da escola, dos locais de trabalho, de centros públicos ou privados para acessar a essas tecnologias de informação e comunicação. Em todo caso, jovens acionam a tecnologia que têm disponível para alimentar sua vivência religiosa, da mesma forma em que a empregam em outros âmbitos de sua vida: seja para se comunicar com seu grupo religioso, para se articular, formando redes sociais, para se expressar, por meio de blogs, do Twitter, para criar páginas e portais na web divulgando seus grupos e ideias religiosas, para pesquisar e descobrir novas formas de relacionamento com o sagrado”. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3848&secao=361](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3848&secao=361), Acesso em: 19 nov. 2014.

hip hop<sup>131</sup>. Muitos deles não encontraram espaço para a manifestação de suas identidades no seio de uma ou de outra igreja, porém encontram espaço no meio público para expressar sua fé a partir de suas realidades pessoais e sociais. Vemos que hoje a identidade dos jovens soma-se a aspectos muitas vezes vistos como antagônicos, o que se torna desafio para as instituições, também as religiosas, assim:

Pesquisas recentes têm demonstrado que, em suas atuações no espaço público, os jovens somam “causas”, sobrepondo diferentes identidades. Múltiplas causas e experiências de discriminação podem se somar na vida de um mesmo jovem (ser jovem, ser negro, ser favelado, ser homossexual, ser mulher, ser lésbica e “ser cristã”...). A predominância de uma identidade sobre outra ou a combinação de identidades e causas não acontece em abstrato, mas em processos sociais e trajetórias individuais concretas. Daí a necessidade de evitar esquemas empobrecedores que se ancoram em substantivação de identidades como se fossem únicas e fixas<sup>132</sup>.

Diante da diversidade identitária emergem muitos questionamentos acerca de como esses grupos podem encontrar espaço no interior das religiões, sejam elas minoritárias ou não, uma vez que cada religião e/ou igreja é perpassada pelas mais variadas normas que as regem. Mesmo percebendo que, durante a juventude, acelera-se o trânsito religioso, em busca daquela que faça sentido e responda às suas necessidades espirituais, e que algumas vezes essas experiências se dão simultaneamente, em uma situação de múltiplo pertencimento religioso, tornando as adesões em geral mais fluidas e provisórias<sup>133</sup>, as igrejas buscam trazer a juventude para seu interior.

Podendo a religião ser local de agregação social e fonte de sentido para a vida, ela pode oferecer espaço de convivência e de construção de laços de amizade e afetividade, importantes na sociabilidade juvenil. Sendo assim, as religiões oferecem ambientes para que os jovens possam manifestar sua individualidade, bem como construir uma identidade coletiva, que ultrapassa a convivência eclesial. O registro de E. E. Gomes no artigo “No bairro tem igreja”, deixa bastante claro que os jovens, mesmo em meio à reconhecida rigidez de suas

<sup>131</sup> Cf. NOVAES, R., *Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” tempos e sinais*, In: *Religare*, 32 (2012), p. 190-195.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 199.

<sup>133</sup> Cf. RABELO, C., *A juventude e as religiões minoritárias*, p. 14.

igrejas, podem encontrar espaços para imprimir suas realidades pessoais e coletivas em estruturas a princípio estabilizadas e definidas. O autor dirá que:

Observando o contexto histórico do pentecostalismo no Brasil, nas décadas de 1970 e 1980, era inimaginável pensar em mulheres pintando os cabelos, pois isso era considerado um escândalo. Mais ainda se um homem evangélico que colocasse brincos ou tivesse cabelos coloridos [...]. São mudanças como estas que correm o tempo todo nas igrejas evangélicas. Aquilo que é considerado tabu em pouco tempo pode ser considerado mais um elemento de identificação dos evangélicos. Entretanto, observando a diversidade das igrejas neopentecostais, percebe-se que cada igreja incorpora as mudanças em momentos e formas de interpretações diferenciadas. Nesse sentido, as juventudes evangélicas têm desenvolvido um papel protagonista no deslocamento de postura das igrejas diante daquilo que é dado como rígido<sup>134</sup>.

Assim, vemos que as igrejas esforçam-se no caminho de permitir e/ou proporcionar o ingresso dos jovens em suas realidades. Logicamente este esforço revela a necessidade dos grupos religiosos de poderem perpetuar sua fé e sua prática no meio social, mesmo que para isso seja necessário abrir-se ao diferente. No entanto, fica o questionamento, se essa “abertura” é real, ou apenas uma forma de atrair as juventudes e no processo “moldá-las” segundo os interesses institucionais.

Conforme os dados estatísticos apresentados é contundente afirmar que as juventudes possuem suas manifestações religiosas, sejam elas institucionalizadas ou não. “Seja por tendência familiar, por vontade de ‘ser’ diferente dos demais, por identificação, por modismo ou por curiosidade, jovens de todas as idades frequentam igrejas, templos, terreiros, centros e mesquitas [...]”<sup>135</sup>. Desta maneira, é plausível a reflexão acerca das influências que a religião tem sobre a vida das juventudes. Estas influências atingem diversas dimensões da vida do jovem, perpassando a vida afetivo sexual, as músicas, artes, escritos, filmes, grupos sociais, e muitas outras facetas da realidade juvenil vêm sendo construídas mediante a fé e/ou religiosidade, ou ao menos possuem esses elementos bem presentes em seus contextos. Essas expressões podem ser a manifestação de buscas e ideologias que compõe a realidade juvenil do país. Enfim,

Imersos em uma sociedade contraditória e confusa, rapazes e moças buscam na espiritualidade uma saída para um outro mundo possível. Muitas vezes, optando

<sup>134</sup> GOMES, E. E., *No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais*, In: Cadernos CERU 18 (2007), p. 2.

<sup>135</sup> RODRIGUES, S., In: RABELO, C., *A juventude e as religiões minoritárias*, p. 1.

por religiões contrárias à vontade da família e às tradições, eles derrubam a tese de que a juventude é necessariamente materialista e desapegada à fé, e inserem a espiritualidade em suas práticas diárias<sup>136</sup>.

Esses jovens manifestam sua religiosidade das mais diversas formas, trazendo-a para o cotidiano de suas vidas, utilizando-as como expressão de suas ideologias e lutas, bem como de suas angústias, incertezas e medos. Assim é visível na sociedade que as juventudes, em seus contextos e realidades são imbuídas pela busca do sagrado, mesmo que essa não se dê conforme padrões pré-estabelecidos em muitas religiões e/ou igrejas. Os jovens têm recriado suas formas de relacionamento com a religião e feito suas experiências (dentro ou fora das instituições religiosas). Essas experiências permitem a construção de identidades coletivas tendo repercussões na sua vida pessoal e social. Segundo S. Rodrigues,

Jovens estão imersos na dinâmica da vida social, não formam um mundo à parte. Suas crenças e práticas religiosas são as mesmas que as da população em geral. O que pesquisas recentes têm demonstrado é que, no atual contexto de pluralismo religioso, alguns processos e tendências relativas à religião, presentes na contemporaneidade, tornam-se mais intensos entre os jovens: o trânsito entre diversas alternativas religiosas em curto espaço de tempo; o peso da consciência individual na adesão religiosa, se comparado ao da tradição familiar; o crescimento do contingente daqueles que se declaram sem religião. [...] Portanto, não há um único padrão de relacionamento da juventude com a religião na atualidade. Há uma série de desigualdades (socioeconômicas, regionais, de acesso à educação, trabalho e bens culturais...) e de diferenças (de gênero, de cor/etnia, orientação sexual, de adesão política...) que atravessam a juventude contemporânea, e constituem diferentes identidades juvenis<sup>137</sup>.

Parece-nos que o desafio está em integrar essas mudanças nas realidades eclesiais, logicamente sem perder o que é essencial em cada igreja ou religião. Essa abertura poderá favorecer a permanência das juventudes junto às instituições religiosas, fazendo com que a transmissão da fé não seja enfraquecida pela ausência de novos fieis. R. Novaes nos mostra que isso vem acontecendo na sociedade e nas famílias brasileiras:

Em entrevista que realizei recentemente, jovens negros na Bahia estranharam o “estranhamento” da pesquisadora que insistia em indagar sobre conflitos na convivência entre pais evangélicos e filhos do candomblé e vice versa. Algo similar aconteceu quando, também recentemente, entrevistei um jovem católico

<sup>136</sup> RABELO, C., op. cit., p. 1.

<sup>137</sup> RODRIGUES, S., *A busca espiritual da juventude*, 16/05/2011, Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3848&secao=361](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3848&secao=361), Acesso em: 19 nov. 2014.

que organiza uma festa de São Sebastião no interior do Rio de Janeiro e em casa convive com a mãe evangélica da Igreja Universal do Reino de Deus, com o pai do candomblé e seus irmãos budistas... Pelas respostas obtidas, pode-se afirmar que, nesses contextos familiares, os laços afetivos se combinam com argumentos que remetem à noção de “diversidade” enfraquecendo certas disposições para intolerância e sectarismos<sup>138</sup>.

A autora nos alerta para a necessidade de não considerarmos a diversidade nas manifestações religiosas com um simples “mantra” que em si não é capaz de refazer relações de poder e submissão. É preciso aproximar esse “mantra” da área dos direitos, assim as juventudes poderão ser reconhecidas como pessoas que cultivam a fé. Enfim, R. Novaes nos diz que:

Os jovens de hoje ampliam as possibilidades de experimentação com o sagrado. Se quisermos ir além da mera retórica do “respeito à diversidade”, é necessário compreender as escolhas religiosas dos jovens e nelas identificar diferentes territórios de fertilidade (efetiva ou potencial) onde estão sendo cultivados valores que podem se somar na busca da justiça, da ética, da ecologia, da paz<sup>139</sup>.

Com vistas a essas manifestações dentro das mais diversificadas religiões e igrejas, continuaremos nossa abordagem acerca das juventudes fazendo um recorte acerca das tendências religiosas segundo João Batista Libanio.

### **3.3.2. Tendências religiosas das juventudes na ótica de J. B. Libanio**

Dentro do quadro apresentado pelas ciências sociais queremos agora fazer um recorte com vistas a uma leitura teológica das situações e experiências juvenis no que diz respeito às suas vivências religiosas, em especial no cristianismo e na Igreja católica. Adotaremos a pesquisa de J. B. Libanio para essa etapa de nosso estudo. O autor opta por utilizar a categoria da tendência, pois a partir da observação do comportamento dos jovens pode indicar o movimento em que se encontram, e não estigmatizá-los em um ou outro conceito fechado. Essa categoria permite que o próprio jovem diga, tanto em nível pessoal quanto grupal, em que altura da tendência se encontra, não se trata de uma categoria fechada que engesse os jovens ou simplesmente os veja como uma “massa homogênea”. O autor nos permite compreender que os jovens se movem com grande rapidez no interior das tendências, logo, “a tendência deixa liberdade para que o jovem se situe no fluxo

<sup>138</sup> NOVAES, R., op. cit., p. 201.

<sup>139</sup> Ibid., p. 66.

contínuo em que vive. Ela indica o movimento, mas não o momento ou estado em que determinado jovem se encontra. Permite entender o fluir da vida no mundo jovem”<sup>140</sup>.

Antes de adentrarmos nas tendências que as juventudes aderem frente ao mundo religioso queremos dizer que, assim como a categoria juventude goza de diversificadas realidades, por isso é tratada hoje como “juventudes”, da mesma maneira ocorre com a situação dos jovens frente à religião, ou seja, existem diferentes maneiras dos jovens expressarem sua pertença a uma ou outra religião e até mesmo grande pluralismo na forma como vivem dentro de uma mesma religião ou igreja. Vejamos por exemplo a descrição de J. B. Libanio ao referir-se a tal realidade:

Antes de tudo, cabe levar em consideração a situação dos diversos tipos de jovens no campo religioso. Quando se fala de tendência, não se diz onde os jovens se encontram no trajeto do ponto de partida ao ponto de chegada. Há ainda muitos jovens que mantêm a religiosidade tradicional. [...] A outros a onda existencial tocou fortemente. [...] Outros já se envolveram com a religiosidade pós-moderna de caráter carismático católico ou evangélico e com a fluidez da Nova Era. [...] Grupo bem menor de jovens posiciona-se no campo o compromisso social da fé. [...] Finalmente, há jovens, pequena faixa segundo a pesquisa citada, indiferentes, sem religião<sup>141</sup>.

Vemos que há uma multiplicidade de tendências juvenis que consistem em desafios à Igreja. Desafio de melhor conhecê-las para melhor valorizá-las no processo de evangelização, buscando a renovação que vem de Jesus Cristo, pois dele aprendemos que as juventudes são uma realidade teológica<sup>142</sup>. Nesse processo somos convidados a compreender um pouco a distinção entre religião, religiosidade e fé, uma vez que veremos que nossas juventudes assumem posturas religiosas bastante plurais, em diversificados lugares, e que nem sempre estão vinculadas a uma outra religião e/ou Igreja. No conceito de J. B. Libanio,

A religião liga o ser humano com o divino por meio de ritos, práticas, doutrinas, constituições [...]. Mostra o lado visível da relação com o Sagrado. Tradição e comunidade a prolongam pela história. A religiosidade [...] aproxima-se do sentimento religioso, satisfaz à necessidade afetiva pessoal de estar ligado com o mistério, o divino, o transcendente, que pode tanto ser uma pessoa ou energia ou algo vago. Manifesta-se em efusões afetivas, busca sensações e emoções. Não

<sup>140</sup> LIBANIO, J. B., *Juventude e a fé cristã*, In: *Perspectiva teológica*, ano 45, n. 126, mai./ago. 2013, p. 236.

<sup>141</sup> Id., *Para onde vai a juventude?*, p. 186-187.

<sup>142</sup> Cf. CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, *op. cit.*, n. 47.

segue necessariamente uma religião, antes, assume dela os elementos que a satisfazem. [...] A fé, enfim, significa resposta pessoal à Palavra revelada que pede adesão, conversão e atuar segundo suas exigências<sup>143</sup>.

Além da distinção feita acima queremos reafirmar que as vivências religiosas de nossas juventudes não vêm de realidades abstratas desconectadas da história. A contemporaneidade tem forte influência na maneira de ser e agir de cada jovem e dos grupos aos quais eles se identificam. Vejamos o que nos diz o CELAM em seu documento 173:

Aos jovens se oferece um mundo onde o que era vital, perdeu sentido; onde se vai desvanecendo a integralidade do ser humano, o solidário, o justo, o visionário; onde existe uma acentuada carência de Deus, de Jesus, porque já não atende as expectativas, as esperanças, e a felicidade que se sente é uma felicidade mascarada, passageira, fictícia, opaca, lúdica e complexa, própria de eventos, acontecimentos, fantasias, que não provocam nenhuma reflexão, nenhuma alegria. Tudo isto como um obscuro cenário ocasionado por este grande fenômeno [globalização], que os coloca em um pêndulo, levando-os a uma crise de sentido. Não deixa de ser uma crise de buscas, porém, ao mesmo tempo, constitui uma oportunidade que deve ser utilizada para a evangelização da juventude<sup>144</sup>.

Diante desse quadro, queremos adentrar nas tendências pontuadas por J. B. Libanio no que diz respeito às juventudes e a religião. Primeiramente nos chama atenção que o autor constata o retorno dos jovens ao religioso, o que diverge do jovem secularizado a pouco em destaque nas reflexões pertinentes. Esse retorno dá-se de maneira diferente do que fora até tempos passados. O fenômeno religioso explode entre jovens, porém distanciado do aprofundamento doutrinal<sup>145</sup>, trata-se da busca de experiências gratificantes, perdendo bastante a dimensão transcendente, tornando-se espaço das vivências presentes, ou seja, vale enquanto responde a essas vivências e as suas necessidades<sup>146</sup>. Aqui se corre o risco de que as experiências religiosas tornem-se experiências como quaisquer outras, tais como a estética, as conviviais e as emocionais. Logo vem o desafio de ressignificar as próprias experiências trazidas pelos jovens para dentro das Igrejas, de maneira que possam ser imbuídas da Transcendência.

No entanto, nossos jovens são envolvidos por vários conceitos a respeito da Transcendência. Podemos percorrer o caminho do filósofo ateu L. Ferry que fala-

<sup>143</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 187-188.

<sup>144</sup> CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, op. cit., n. 52. Tradução nossa.

<sup>145</sup> Cf. LIBANIO, J. B., op. cit., p. 184.

<sup>146</sup> Cf. Ibid., p. 185.



nos da transcendência na imanência que se encontra no fundo da consciência humana, não vindo de fora mais de dentro, que esconde a significação última das experiências vividas, que não necessita ser um Transcendente existente, ou seja, não precisa ser Deus o Transcendente. Por outro lado, temos a Transcendência que cria a imanência e se faz presente a ela, segundo K. Rahner. De acordo com o teólogo a Transcendência se faz imanente ao ser humano, e estabelece com ele diálogo de amor, sem perder o caráter transcendente. Temos uma terceira tendência que interpreta a Transcendência como princípio cósmico, energia, um Deus panteísta, sem nome, sem face. E por fim, nos deparamos com uma quarta tendência que radicaliza a Transcendência na unicidade da pessoa divina, que não aceitam a leitura de Deus feita por Jesus e facilmente cria a imagem intolerante, intransigente, belicista de Deus<sup>147</sup>. Vemos assim que:

Não faltam deturpações da imagem de Deus, sobretudo quando cai no redemoinho da midiática. Forja-se um Deus à *la carte* que vem ao encontro dos desejos, sentimentos das pessoas. Aí, sim, vale a acusação de L. Feuerbach. O ser humano cria um deus à sua imagem e semelhança. Pura alienação. Projeta para fora de si e chama de deus o que não passa dos sonhos, desejos, busca e reflexo de si mesmo. Deus sem mediação a não ser o próprio eu absolutizado, idolatrado<sup>148</sup>.

As juventudes situam-se dentre essas tendências, inclinando-se mais a uma ou a outra, e até mesmo divagando entre uma e outra. O transcendentalismo exagerado pode afastar o jovem da realidade e colocá-lo diante de um Deus severo, caindo no fundamentalismo ou no fideísmo e a imanentização reducionista pode banalizar o mistério, tratando Deus de maneira fetichista, num comércio em que se conquista algo pela negociação da oração ou promessa. São riscos que cercam nossos jovens em sua caminhada de fé.

Ainda podemos dizer que estamos diante de juventudes que deixaram para trás a culpabilização por práticas condenadas pela Igreja, como é o caso do sexo fora do casamento. Com a entrada de outras conceituações antropológicas e psicológicas, o conceito de pecado foi sofrendo alterações no mundo juvenil, e a busca pela confissão, por exemplo, vem caindo significativamente entre muitas juventudes<sup>149</sup>. J. B. Libanio nos lembra que:

<sup>147</sup> Cf. Ibid., p. 192-194.

<sup>148</sup> Ibid., p. 194.

<sup>149</sup> Não adentraremos na questão, mas temos outras realidades juvenis referentes a vivência da sexualidade, da confissão auricular e outras práticas relacionadas a moral. Cresce entre os jovens católicos movimentos como o PHN, “Por Hoje Não vou mais pecar”, os quais também pertencem

Os jovens discutem livremente sobre temas sexuais até então tabu ou assunto de conversas lúbricas. Predominam entre eles desconfiança e preconceito a respeito da posição oficial da Igreja católica no campo da sexualidade. Desconhecem-na soberanamente. O tema da castidade pessoal foge da compreensão e vivência de muitos deles. Os cuidados, que tomam nesse campo, restringem-se a questões de profilaxia e de precaver-se de gravidezes indesejáveis<sup>150</sup>.

A Igreja não pode afastar os que pensam assim, mas buscar traçar um caminho de aproximação com os mesmos, de maneira que possam crescer em seus conceitos e práticas. Estamos diante de um significativo número de jovens que são movidos pelas emoções, pela afetividade. Muitos já não se encontram no cenário das tendências libertárias de grandes envolvimento sociais. A força está nas experiências novas, nos momentos quentes, nos encontros de massa, e até mesmo no intimismo religioso. J. B. Libanio afirma que: “O clima espiritualista e carismático envolve tanto a Igreja no conjunto como a sociedade sob vários aspectos. [...] Corre-se o risco, porém, de perder a dimensão do compromisso social, próprio da fé cristã”<sup>151</sup>. As ofertas são múltiplas no campo religioso, os jovens, assim como os adultos, buscam aquelas com as quais mais se identificam, sem a culpabilização de serem ou não fieis a religião ou Igreja a qual “pertencem”. Para J. B. Libanio, além de frequentarem literaturas de autoajuda, os jovens estão diante de uma avalanche religiosa, pois:

No momento, a coesão institucional das práticas religiosas desfaz-se, fragmenta-se tanto dentro do catolicismo quanto por causa da multiplicação de igrejas evangélicas, de novas religiões como Santo Daime, União de Vegetal, sem falar das importadas do Oriente via Estados Unidos da América. Desse conjunto religioso, resulta abundante oferta de práticas religiosas. Elas descolaram-se da matriz institucional e adquiriram autonomia de modo que os indivíduos constroem *kit* religioso próprio de maneira criativa, livre, espontânea. Processa-se verdadeira ressignificação existencial dos símbolos e ritos das diversas religiões para uso privado do fiel. Acrescenta-se a facilidade de colher tais ingredientes religiosos de qualquer lugar do mundo pela via eletrônica. Eles flutuam pelos ares da vida real e midiática à disposição de todos os sabores até os mais exóticos. Tal tendência bate bem com o gosto dos jovens pós-modernos, de modo que existem ambientes juvenis altamente religiosos, sem vinculação com nenhuma instituição<sup>152</sup>.

---

a uma tendência juvenil. Para conhecer o PHN podemos buscar maiores informações em <http://blog.cancaonova.com/dunga/missao-phn/>, onde o seu idealizador fala da origem, objetivos e como vem sendo concretizado em meio a determinadas juventudes.

<sup>150</sup> LIBANIO, J. B., op. cit., p. 200.

<sup>151</sup> Ibid., p. 203.

<sup>152</sup> Ibid., p. 206.

Enfim, a pertença é um assunto a ser pensado quando nos referimos ao campo religioso e as juventudes. Tudo isso desafia a Igreja a conhecer sempre mais as realidades juvenis e a buscar meios para falar-lhes de maneira compreensiva, atraente e sólida. Não podemos negar que essa tendência de satisfazer as necessidades subjetivas freou a secularização nos meios juvenis, no entanto, não podemos fechar os olhos para o risco de incorreremos no subjetivismo, deixando de lado a dimensão comunitária, caindo no nível do arbitrário individual.

De acordo com J. B. Libanio, as formas religiosas e litúrgicas comuns não respondem aos anseios dos jovens por novidades. Muitos flexibilizaram diversas instâncias da Igreja, desde a interpretação da Escritura, do dogma, da moral, do celibato, dos votos, das autoridades eclesiais, das normas, das regras, das prescrições, o que diminuiu o peso autoritativo da Igreja institucional e visível. Deus vem tornando-se algo a ser “sentido” e não alguém com quem se relaciona. Jesus toca-lhes a afetividade, mas não provoca seguimento. Os jovens vêm se identificando muito com os movimentos que surgem das diversas partes do mundo, sem estarem diretamente conectados às realidades e necessidades das Igrejas locais. Diante de tudo isso, nosso autor afirma que:

A vida eclesial tornasse-lhe insossa, enfadonha e repetitiva em um mundo de surpresas, de contínuas novidades, de provocações visuais e acústicas. [...] o rosto da Igreja envelheceu. Há diversos campos de desencontro entre os jovens e a Igreja. Eles a consideram ultrapassada, desatualizada, sobretudo no campo da moral, ao opor-se ao uso da camisinha, ao sexo antes do matrimônio. Ela parece-lhes desinteressante, impositiva, ao prescrever normas sem justificá-las suficientemente para eles. Predomina neles o sentimento de incompreensão, de distância, de indiferença<sup>153</sup>.

Como vemos, existem diversas tendências que atraem ou repelem as mais diversificadas juventudes. Daqueles que vivem conforme a Tradição àqueles que já não se encontram nas realidades religiosas, em nosso caso especialmente a realidade católica. Na ótica de nosso autor, os jovens têm forte tendência de buscar aquilo que lhes satisfaz e agrada, aquilo que mais responde à sua condição existencial. Diante da rigidez da instituição eles se impacientam, a garra militante atenua-se devido à pluralidade de maneiras de viver no interior da Igreja e diante

---

<sup>153</sup> Ibid., p. 210.

do desprestígio da política e dos políticos tendem a viver em rincões espiritualistas sem alcance social<sup>154</sup>.

Salientamos ainda que, entre muitas juventudes católicas a adesão aos sinais externos é uma das tendências assumidas, e a vida religiosa e sacerdotal torna-se para muitos a busca da experimentação e não propriamente do compromisso. A música, a festa, a dança, o consumo de objetos religiosos também corresponde a uma das tendências juvenis frente ao mundo religioso. Não podemos dizer que sejam posturas universais, mas podemos dizer que estão fortemente ligadas a tendências carismáticas e a muitos movimentos que emergem no mundo católico e neopentecostal.

São tendências aceitas e rejeitadas por muitos, com seus prós e contras, que precisam ser conhecidas, estudadas e ressignificadas dentro do essencial cristão. O risco de que uma ou outra tendência leve a banalização da fé, da religião ou das práticas religiosas é real, faz-se necessário cada vez mais o conhecimento dos meios juvenis para compreender suas ideologias e práxis e assim ter alternativas a oferecer.

Na sequência veremos algumas linguagens relacionadas a Jesus Cristo adotadas por nossas juventudes e que expressam essas tendências mostrando como elas se desenvolvem no interior do cristianismo, em especial da Igreja católica.

### **3.3.3. Linguagens juvenis em J. B. Libanio**

Iniciamos recorrendo à afirmação já feita em nossa pesquisa, mas que se mostra sempre necessária: trata-se de falar da pluralidade de realidades juvenis. É fundamental que conheçamos suas realidades, seus costumes, seus anseios, seus receios, suas linguagens e tantos outros aspectos de seu cotidiano, se de fato queremos compreendê-los e tê-los como presente e futuro do cristianismo, da Igreja católica. Ressaltamos que, mesmo em meio à avalanche de informações, modelos e ideologias que recaem sobre as juventudes contemporâneas, não podemos lhes roubar a capacidade criativa, a abertura ao novo e a força da transformação. Cada geração expressa a sua maneira suas características, seus traços específicos. Referindo-nos as linguagens que utilizam sobre Jesus não

---

<sup>154</sup> Cf. *Ibid.*, p. 211.

poderia ser diferente. J. B. Libanio afirma que: “No contexto de globalização, de pluralismo cultural, de crescente urbanização e de conservação das desigualdades sociais, observamos multifacetada manifestação juvenil dentro de uma mesma geração”<sup>155</sup>. Destacamos a seguir “blocos” nos quais foram identificadas essas linguagens:

[...] primeiro, jovens de identidade religiosa cristã predominantemente tradicional; segundo, jovens de identidade religiosa cristã predominantemente carismática, renovada, pentecostal ou neopentecostal; terceiro, jovens com identidade religiosa cristã resultante ou nutrida por experiências independentes; quarto, jovens de identidade religiosa cristã politizada, sociolibertadora ou secularizada eco-humanista<sup>156</sup>.

Pautados na obra “Linguagens sobre Jesus: as linguagens das juventudes e da libertação”, de autoria de J. B. Libanio e E. Guimarães, vamos discorrer sobre cada um dos blocos de linguagens dos jovens acerca de Jesus para melhor compreender de que maneira nossas juventudes vêm se manifestando diante do cristianismo. Lembramos tratar-se de tendências abertas e móveis, onde os próprios autores assumem, por exemplo, a possibilidade de que um jovem se encontre em mais de uma linguagem.

Focados na primeira linguagem apresentada, isto é, a tradicional, vemo-nos diante de jovens influenciados pela religião em todas as dimensões de suas vidas. Normalmente são provenientes de famílias religiosas de quem recebem a herança que abraçam, moram no interior ou em pequenas cidades, recebem sua formação religiosa não apenas da família, mas também da escola e da própria religião, tem bastante clareza do que é certo ou errado em suas escolhas e pautam sua fé em dois caminhos: o da salvação ou da perdição<sup>157</sup>.

Jovens incluídos na linguagem tradicional buscam na Igreja espaço para construir amizades, partilhar seus sofrimentos, buscar conselhos e ajuda espiritual. Participam das práticas religiosas tradicionais, vão a missa nos finais de semana, frequentam a catequese, a crisma, o grupo de jovens, rezam o terço, novenas, romarias, valorizam a devoção aos santos, estão abertos aos apelos vocacionais, apresentam-se na fala e nos trajés com simplicidade e piedade e se identificam

<sup>155</sup> LIBANIO, J. B.; GUIMARÃES, E., *Linguagens sobre Jesus: as linguagens das juventudes e da libertação*, p. 26.

<sup>156</sup> *Ibid.*, p. 25-26.

<sup>157</sup> Cf. *Ibid.*, p. 30.

com a linguagem simbólica da religião. Vejamos o que nossos autores dizem a respeito do perfil desses jovens:

Grande parte desses jovens vive nas periferias, frequenta a escola por poucos anos para, em seguida, por necessidades econômicas familiares, ingressarem no contingente de trabalhadores sem muita qualificação. [...] Poucos chegam ao Ensino Superior, [...] merecem destaque as condições desgastantes de trabalho, a qualidade precária de alimentação e saúde, a quantidade de tempo perdido no deslocamento entre suas distantes moradias e o local de trabalho ou estudo, pouco tempo livre, dentre outros<sup>158</sup>.

São jovens que ainda mantêm uma pureza própria de quem vem do campo, mas que aos poucos está sendo influenciada por outras percepções críticas do mundo. Nesse sentido cultivam uma imagem de Deus que a tudo rege, domina e governa. Para Deus atribuem a seca e a chuva, a vida e a morte, a saúde e a doença. Alimentam-se de uma linguagem pastoril da fé, isto é, identificam-se com Jesus Bom Pastor ou com o Semeador, e outras imagens agrárias que se apresentem na Escritura. “Trata-se de linguagem pouco elaborada, sem muitos rebuscamentos, mais oral que escrita. Linguagem simples, direta, concreta, bucólica. No âmbito religioso, apresenta-se piedosa, envolvida pelo senso do respeito ao sagrado”<sup>159</sup>. Reconhecem Jesus como Senhor celestial, revestido do poder de Deus, que encarna a sabedoria divina, a força e a coragem. Veem Jesus como um milagreiro que pode resolver tudo. Seu relacionamento com o Senhor está pautado em profunda abertura fiducial e acolhida afetiva. As promessas, os pedidos, as orações e os gestos piedosos são meios de manter esse relacionamento. Diante de toda essa realidade, os autores afirmam que: “A experiência religiosa provoca-lhe interpretação resignada dos acontecimentos da história. A realidade resulta da vontade de Deus”<sup>160</sup>.

Esta linguagem tem características muito positivas, dentre as quais destacamos a expressão de intimidade, a proximidade experiencial e a profunda confiança em Deus por meio de Jesus. Expressam ainda a beleza da inocência humana diante da vida, entregam-se a Deus e sua presença é o suficiente para enfrentarem os medos e as dificuldades da vida. São poucos os que se mantêm nessa matriz hoje em dia. No entanto, essa linguagem apresenta também alguns

---

<sup>158</sup> Ibid., p. 31.

<sup>159</sup> Ibid., p. 33.

<sup>160</sup> Ibid., p. 35.

limites, dentre os quais, junto com nossos autores apontamos a ingenuidade acrítica diante da leitura bíblica e a compreensão infantil em relação aos acontecimentos históricos. São jovens que precisam ser cultivados pela Igreja e ajudados a fazerem um caminho de maturidade na fé, a fim de se tornarem adultos na fé e deixarem para trás a infantilidade<sup>161</sup>.

Na continuidade lançaremos nosso olhar àqueles jovens que fazem parte dos chamados grupos de linguagem carismática, renovada, pentecostal e neopentecostal. Esse é o perfil que predomina atualmente entre os jovens cristãos. Buscam sair do vazio existencial pela experiência de fé, com isso são sedentos de experiências emocionais intensas e prazerosas a nível espiritual. Muitos dão seus testemunhos de vida ressaltando o “grande divisor de águas”, isto é, o encontro com Jesus que mudou suas vidas, tirando-os da droga, do álcool, da criminalidade, da luxúria, e transformando-os em jovens apaixonados por Jesus Cristo. Pelos dados apresentados por nossos autores podemos dizer que são jovens que valorizam bastante a subjetividade de suas experiências religiosas, manifestando-se pela adoração, pelo louvor, pela arte, nas redes sociais e também em grandes encontros promovidos para eles. Estão sempre em busca de novas vivências intimistas e afetivas, guiados pela emotividade “presentista” que lhes caracteriza social e religiosamente. Muitas vezes a vivacidade de seus encontros é medida pela emotividade que despertam, pela intensidade de lágrimas, de abraços, também pelas manifestações espetaculares do Espírito Santo, em especial no dom das línguas e das curas<sup>162</sup>. Quanto à formação desses jovens e seu relacionamento com a Tradição e a instituição ressaltamos:

O sabor da experiência vivida e curtida vem antes de qualquer busca de compreensão, reflexão ou análise crítica ou autocrítica. [...] Valorizam mais as testemunhas que os mestres. Em termos de vínculo com a instituição religiosa, geralmente relativizam regras e doutrinas em nome da subjetividade, da autonomia e de certo protagonismo que nasce da experiência de grupo. Não se dedicam ao estudo analítico, desejam, antes, nutrir-se do alimento vivencial que sacia, de forma imediata, a sede ou fome existencial. [...] Não cultivam, geralmente, a vida dos pais ou dos santos como referenciais ou exemplos históricos dignos de serem seguidos<sup>163</sup>.

---

<sup>161</sup> Cf. *Ibid.*, p. 36-38.

<sup>162</sup> Cf. *Ibid.*, p. 41-42.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 42-43.

São jovens que sofrem profundos dramas de consciência quando se deparam com certos moralismos apresentados por seus líderes. Cultivam uma linguagem existencial, marcada pela ruptura com os costumes pecaminosos do mundo, com ênfase na moral sexual tradicional. Porém, essa linguagem está distante de suas vivências concretas. Essa “esquizofrenia” os leva a verdadeiros sofrimentos, e procuram sanar tal realidade pela prática de mortificação e sacrifício<sup>164</sup>. Além de todas essas características podemos dizer que:

No meio católico, veneram a figura simbólica de Nossa Senhora e do Papa, participam dos grupos de oração e movimentos de renovação universitária, inserem-se no movimento carismático, participam das jornadas mundiais de juventude, de dias de oração, de retiros de finais de semana, acampamento no carnaval, animam a liturgia das missas de domingo, estão presentes nos shows das bandas gospel, assumem práticas assistenciais tradicionais de caridade. Mostram-se politicamente conservadores, com forte tendência à direita ou mesmo de assumir o divórcio entre fé e política<sup>165</sup>.

Suas canções revelam o gosto predominante por relações subjetivas com Jesus, o que nos diz de um cristianismo devocional e vertical. Revelam-se religiosos das mais variadas maneiras, desde seus objetos de uso pessoal, suas roupas e vocabulário. Cultivam uma espiritualidade centrada na paixão e morte de Jesus na cruz, bastante desligada da vida histórica de Jesus. A religiosidade nessa linguagem é caracterizada pelo culto pessoal de louvor, adoração e de exaltação da figura de Jesus. Mas, esse mesmo Jesus, esquecido em sua história, nesta espiritualidade não provoca o desejo do projeto de vida, o empenho do seguimento. As palavras de nossos autores são fortes e nos dizem que: “Não acolhe-se a vida de Jesus como “Caminho” a ser seguido, mas como fonte inesgotável de proteção para quem confessá-lo como único Senhor. Estes podem recorrer que serão atendidos”<sup>166</sup>.

Diante do que foi apresentado sobre a linguagem carismática, ficamos com o apelo de nossos autores: esses jovens precisam ter acesso ao homem Jesus de Nazaré, conhecer o contexto histórico e os conflitos, percebendo em que sentido à vida dele mostrou-lhes o “Caminho” e assim segui-lo. Precisam de referências

---

<sup>164</sup> Cf. *Ibid.*, p. 45.

<sup>165</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 51.



históricas, que lhes sirvam de exemplo, para que possam se fazer cristãos na caminhada<sup>167</sup>.

Na continuidade de nossa apresentação acerca das linguagens juvenis diante da Igreja nos deparamos com aqueles que fazem suas experiências religiosas e suas experiências de fé, fora da instituição. São aqui identificados como jovens de tendência religiosa cristã independente, geralmente do meio urbano, secularizados, abertos ao sincretismo, transitam entre diversificados ritos e são admiradores de Jesus de Nazaré com seus ensinamentos e práxis. Querem se sentir bem interiormente, sintonizados com as energias positivas do universo, defendem bandeiras ecológicas e querem fazer experiências de espiritualidade cósmica e de paz entre os povos. Mesmo em sua criticidade também são envolvidos pelas ideologias de consumo, especialmente tecnológico e de liberdade sexual<sup>168</sup>. Muitos deles são jovens que já fizeram experiências no interior de uma ou outra Igreja cristã e já não se identificam com a instituição, sentindo por ela desafeição. São críticos perante as realidades que conhecem, e podemos dizer que em muitas de suas expressões suas vozes são proféticas. Na concepção de nossos autores, trata-se de um grupo plural, com variados posicionamentos diante das instituições e suas linguagens sobre Jesus, eis que especificam algumas características:

Para alguns desses jovens, o Jesus anunciado pelas tradições cristãs não desperta interesse. Nada tem de humano ou próximo disso. Tornou-se ser nefelibático, divino habitante do mundo das nuvens [...] Para outros, ao contrário, Jesus não precisa de rosto humano ou enraizamento histórico. [...] Entre os dois extremos encontram-se subgrupos, cada qual com nuances diferentes. [...] Entre esses, alguns migram para o ateísmo e assimilam a linguagem negativa, mesmo sem qualquer conotação religiosa. [...] Merecem destaque, entre esses subgrupos, ainda, aqueles jovens que, mesmo tornando-se desiludidos ou decepcionados com as instituições religiosas, delas conservam o acesso às fontes do Jesus histórico<sup>169</sup>.

Muitos deles são profundamente críticos às instituições devido ao encontro com Jesus de Nazaré. A crítica radical os impede de ver o trigo que nasce em meio ao joio, mas apresentam muitos pontos positivos, dentre os quais destacamos sua abertura e sua possibilidade de profetismo. Cabe a Igreja perguntar-se diante

---

<sup>167</sup> Cf. *Ibid.*, p. 57.

<sup>168</sup> Cf. *Ibid.*, p. 62-66.

<sup>169</sup> *Ibid.*, p. 66-69.

deles e de suas desafeições o porquê do distanciamento e a não permanência na instituição, se Jesus Cristo atrai a tantos deles.

Por fim, buscaremos conhecer algo sobre os jovens de tendência religiosa cristã politizada, sociolibertadora, secularizada e ecolibertadora. São jovens que explicitam em suas palavras e ações a dimensão política da fé cristã ou que de alguma forma, motivados pela experiência cristã, se engajam em algum movimento sociolibertador. São minoria na Igreja, demonstram encantamento por traços proféticos do Jesus histórico, buscam seu protagonismo e não temem participar de ações que colaborem com as mudanças na sociedade e também na Igreja. Muitos deles têm forte tendência a se tornarem cristãos desinstitucionalizados devido à desafeição que sentem diante de muitas realidades dentro da instituição.

Os jovens desse grupo minoritário encontram-se nas universidades e nos diversos grupos de jovens das Igrejas cristãs, no caso da Igreja católica, encontram-se, sobretudo nas Pastorais da Juventude e nos grupos de fé e política. Sua vivência religiosa tende a ser comprometida com a defesa da vida e coerente com a prática da justiça, da inclusão social e da sustentabilidade. Encontramos jovens desses grupos também nas grandes periferias brasileiras, que sobrevivem ao massacre do sistema, reconhecem sua dignidade e lutam por si e pela dignidade dos demais. Entre eles sobressai a figura de Jesus, como símbolo do bem que, vence o mal<sup>170</sup>. Podemos dizer que a linguagem sobre Jesus realça traços de sua prática libertadora, destacando sua sensibilidade humanitária e social, enfim,

Deixam-se fascinar, quase sempre, por aquele que mostrou-se capaz de colocar a dignidade do ser humano em primeiro lugar, acima, inclusive, de leis religiosas cristalizadas e sacralizadas; capaz de acolher, sensibilizado e movido por compaixão, empobrecidos e excluídos. Capaz de perceber e desmascarar mecanismos de exclusão social e de dominação sociopolítica, econômica e religiosa do povo, de denunciar a corrupção dos poderosos e opressores; capaz de atrair seguidores e admiradores, sobretudo, por conta da coerência de vida e de surpreender ou desconcertar aqueles que dele se aproximam com hipocrisia ou falsidade; capaz de fazer grandes amizades e viver cercado pelos amigos, com narrativas interessantes e/ou histórias fascinantes para contar; capaz de revelar a proximidade amorosa de Deus como aquele que deseja a realização e a vida plena de cada ser humano. Enfim, alguém digno de ser admirado e acolhido como referencial de vida<sup>171</sup>.

---

<sup>170</sup> Cf. *Ibid.*, p. 81-83.

<sup>171</sup> *Ibid.*, p. 85-86.

Esses jovens tendem a criticar as tendências mais emocionais e intimistas, assim como tendem a criticar a religião em aspectos de cunho espiritualista. Eles não têm dificuldades em dialogar com céticos, agnósticos, ateus, com a ciência e com os teólogos latino-americanos da libertação. Esforçam-se por viver a vida cristã no cotidiano, dentro e fora da Igreja, pois percebem a inseparabilidade entre fé e vida, oração e ação. No entender de nossos autores, esses jovens traduzem da seguinte maneira sua linguagem sobre Jesus:

Significa assumir, com coragem, a atitude social de enxergar o outro como igual, portador da dignidade de filho ou filha de Deus e, portanto, irmão ou irmã. Concretiza-se no acolher bem quem se aproxima de nós e no socorrer a quem precisa de nossa ajuda. Consiste em fazer o bem sem olhar a quem e em procurar ser livre para dizer não a tudo que prejudica aos outros. Comprometer-se e participar das inúmeras iniciativas da sociedade que promovem a cidadania e a dignidade da vida. Lutar por políticas públicas que garantam vida de qualidade para todos: boa educação, acesso aos serviços de saúde, moradia digna, trabalho com remuneração capaz de promover o acesso aos bens produzidos pela sociedade, transporte, lazer e diversão saudável. Significa cuidar da criação e valorizar a sustentabilidade e o equilíbrio socioambiental para manter a qualidade da vida de todos no planeta<sup>172</sup>.

Estamos diante de um grupo de jovens cuja tendência é compreender Jesus como o Libertador enviado por Deus, que mais do que ser adorado quer ser seguido, quer que seus discípulos se comprometam com seu Reino e o busquem acima de todas as coisas. Um Reino que não se perde no “além”, mas que começa na história e caminha na direção de sua plenitude que é o próprio Deus que faz o movimento de vir à humanidade. São jovens comprometidos com uma esperança concreta que os lança na construção da civilização do amor. Eles compreendem que ser cristão ultrapassa a participação nos ritos e o seguimento das doutrinas.

Tendo feito esse percurso e visto que muitas são as linguagens adotadas pelas juventudes para falar de Jesus, muitas são as maneiras como acolhem e vivem o cristianismo, temos diante de nós algumas pistas a respeito de como nossos jovens se relacionam com a Igreja a partir das realidades em que estão inseridos. Vemos que, mesmo em meio a tantas dificuldades cultivam esperanças, têm sonhos, querem, em número significativo e das mais diversificadas maneiras, viver em um mundo melhor, mais digno, mais justo, creem em Deus e muitos ainda na religião, admiram Jesus como uma referência em suas vidas e também na vida da humanidade e alguns ainda se dispõem ao seguimento diário e não apenas

---

<sup>172</sup> Ibid., p. 90.

ao espiritualismo, enfim, parece que nossas juventudes, em seus estilos, e mesmo bombardeadas por muitos medos e inseguranças, trazem em si a marca da esperança. Agora, perguntamo-nos a respeito de como eles vivem essas utopias no dia a dia de suas vidas, se é possível que essas estejam em consonância com a esperança que a Igreja deposita em cada juventude e se a esperança cristã é “compatível” com suas esperanças cotidianas.

No intuito de aprofundarmos um pouco mais nossa pesquisa seguiremos para o próximo capítulo que trará para nós alguns aspectos das esperanças de nossas juventudes e da esperança cristã que pode abarcar todas essas esperanças que alicerçam suas trajetórias sem lhes roubar a identidade. Falaremos de esperanças que se encontram no peregrinar na história.